



Armando Correa de Siqueira Neto

AUTOSSUPERAÇÃO

**O caminho pessoal
para o crescimento**

Armando Correa de Siqueira Neto

AUTOSSUPERAÇÃO

O caminho pessoal para o crescimento

“Não vás para fora, volta a ti mesmo. No homem interior habita a verdade.” Santo Agostinho (354-430)

SIQUEIRA NETO, Armando Correa de
Autossuperação: o caminho pessoal para o crescimento /
Armando Correa de Siqueira Neto
Mogi Mirim – São Paulo: 2016.

1. Autoajuda 2. Psicologia 3. Desenvolvimento Pessoal

Sumário

Introdução.....	06
Conheça-se.....	08
Tempo de despertar o gigante dentro de você.....	10
O medo de errar.....	12
Autoengano.....	14
Você tem tempo?.....	16
O homem prometido.....	18
O jeito curupira de andar.....	20
Tem que dar certo!.....	22
Política educacional.....	24
Quem só espera dificilmente alcança.....	26
Ser responsável?.....	28
Ser você mesmo?.....	30
Somos adultos?.....	32
Você é maduro?.....	34
Você é submisso?.....	36
Passe de mágica.....	38
O mundo é quadrado.....	40
“Se...”.....	42
O poder da imagem para o sucesso das realizações.....	44
Crer no inacreditável.....	47
Qual é o seu valor?.....	49
Ser para ter.....	53
Somos o que pensamos.....	55
Libere a sua motivação.....	58
Os rumos da vida.....	61
A motivação que supera os obstáculos.....	63
O autoengano sobre a ética.....	65
Ignorância emocional e injustiça.....	67
Vítima ou responsável?.....	69

A inteligência emocional e a justiça.....	71
A Era da Reflexão.....	75
Manipulados pelo inconsciente.....	78
Meio e fim.....	83
Toda prisão tem uma porta.....	85
Todos os ovos na mesma cesta.....	87
As máscaras sociais e o seu poder oculto.....	89
Quem é responsável pela sua motivação?.....	92
Entre o ideal e o objetivo na vida social.....	94
Intervir sobre o próprio destino.....	97
O autor.....	100

Introdução

É possível passar uma vida inteira sem se dar conta do quanto nos desconhecemos, notadamente em relação ao psiquismo. E assim, deixamos de extrair verdadeiras riquezas relacionadas ao saber em nós disponíveis, reduzindo, conseqüentemente, as chances de crescer sem a imposição de limites, comumente impostos por nós mesmos até o último suspiro vital. Sim, somos vítimas do nosso desconhecimento, cuja aliança com o autoengano nos imputa à pior das penas, o atraso na gigantesca ramificação do conhecimento a que temos pleno direito.

O ponto em questão, contudo, diz respeito ao despertar acerca de tal sonolência, o qual só pode ocorrer quando a pesquisa e a reflexão fazem parte do cotidiano daquele que deseja emergir do poço obscuro da falta de autoconhecimento. Mas, para tanto, é essencial que a dedicação mantenha-se rigorosamente a postos. A autoavaliação precisa fazer sentido a quem dela se serve para compreender a sua natureza, e o que se pretende fazer em relação ao seu futuro. É fundamental “morrer” para muitas das velhas crenças e conceitos sobre o que se aprende na vida, a fim de provocar o nascimento de novos entendimentos evolutivos, a passos mais largos do que o que se percebe habitualmente. Cada qual possui o potencial para tamanha jornada, mas a responsabilidade de superar-se é intransferível. A influência alheia é a ajuda que pode estimular, porém ela é limitada.

Portanto, quem almeja algo bem maior para si, deve procurar internamente os recursos que podem proporcionar o desenvolvimento de tudo quanto se tem por meta de crescimento.

Este livro é fruto de pesquisa e reflexão, cujas ideias foram escritas e publicadas. Os textos estão dispostos em tamanhos

variados, e versam sobre psicologia da autoajuda, evolução e reflexão, tão necessárias à autossuperação humana.

Você é a chave de si mesmo, ainda que não perceba, e atribua boa parte do que é ao mundo que o cerca. É claro que somos influenciados, e influenciemos, mas no coração do desenvolvimento, é a unidade que pode se permitir aos avanços, e não o conjunto, que, a seu turno, pode se beneficiar com tal prosperidade. Ganha aquele que aprende com o outro, mas ganha muito mais, quando se transforma, peculiar e intimamente, através da aprendizagem que passa a incorporar em um processo adaptativo sempre disponível à vontade evolutiva.

Então, vale perguntar, qual é o seu limite de autossuperação?

Conheça-se!

Você já se estranhou ao ter um comportamento que sequer imaginou fazer parte de si? Acreditou ser incapaz diante do possível? Enganou alguém? Tomou para si o que não lhe pertencia? Se pudesse, faria coisas que assombraria os demais? Você se conhece de verdade?

Não é preciso recorrer a uma lista de justificativas com a intenção de apaziguar o conflito entre o que se pensa ser e o que se é de fato. O autoconceito pode ser irreal.

Então não somos o que pensamos ser? Nos enganamos?

Logo, por exemplo, ao crer que se atingiu bom nível de desenvolvimento (que é ilimitado), desacelera-se o crescimento, dando margem ao empobrecimento pessoal.

A frase “Conhece-te a ti mesmo” é um antigo conselho escrito no Templo de Apolo em Delfos, cidade grega. A sua propagação mais famosa deu-se através do filósofo Sócrates, que se tornou conhecido há mais de dois mil anos por demonstrar às pessoas que elas tinham pouco conhecimento sobre si mesmas.

Contudo, chegou-se atualmente à Era da Informação, causando a sensação de que se alcançou não apenas um nível altíssimo de conhecimento, mas, que o controle e o poder são a marca que registra tal avanço. Será?

É inegável a presença da forte claridade gerada pela luz do saber adquirido. O ser humano abriu ainda mais os olhos para várias questões até então desconhecidas. Por outro lado, a ignorância sobre a origem dos seus próprios comportamentos o conservou tateando na escuridão dos porões da inconsciência. Manter-se cego demonstra ser

uma modalidade de fuga ante o pesar de ter de encarar-se, haja vista tal confronto causar aflição pelo choque de não se reconhecer na imagem refletida do espelho interior.

Mas o preço que se paga pelo autoengano é caro. O desenvolvimento a que se tem direito mantém-se distante pela lentidão dos passos tanto inseguros quanto incertos, e a frustração torna-se um peso crescente a se carregar.

Por conseguinte, conhecer-se é a possibilidade de modificar o cenário de vida através da reflexão, que significa: volta da consciência sobre si mesmo. Urge, porém, que se pratique a autoavaliação com frequência, e dela se extraia impressões de toda ordem a fim de se estabelecer novos objetivos de aperfeiçoamento. Somente ao enfrentar conscientemente aquilo que se teme é que se torna possível decidir sobre algum tipo de mudança.

Tempo de despertar o gigante dentro de nós

Não é por acaso que a terrível, mas colossal história do acidente com o avião nos Andes em 1972, choca e causa admiração. O uruguaio Nando Parrado, um dos sobreviventes, afirmou: *Estava decidido a não morrer tão jovem. Se não tivéssemos caminhado, hoje não estaríamos aqui.* Decorridos dois meses do acidente (imagine a dificuldade para sobreviver mediante a sede, a fome, o medo, o cansaço e a temperatura que beirava trinta graus negativos!), Nando decidiu caminhar com o colega Roberto Canessa. Por dez dias andaram cem quilômetros sobre montanhas íngremes até encontrar ajuda.

Quem imagina ser capaz de realizar tamanho empreendimento? Mesmo nas condições profundamente difíceis a que se submeteram, quem se decide a buscar socorro sem ter qualquer horizonte otimista à sua frente? Nem todos acreditavam na sua salvação. Ao contrário, a morte pareceu ser o destino inevitável para muitos. Até o retorno dos helicópteros de resgate, guiados pelo obstinado Nando Parrado. Por vezes, ele também não acreditou que conseguiria. É comum desanimar frente a obstáculos de dimensões tão superiores. Mas o fato é que ele continuou. Não desistiu. Mesmo sofrendo, andou. Lutou. Venceu. Sobreviveu!

Há um gigante dentro de nós, e pode ser despertado quando assim o decidirmos. Porém é preciso se perguntar se queremos acordar esta porção e dela utilizarmos os recursos disponíveis, ou se preferimos nos manter na condição em que nos encontramos. É o que desejamos?

É tempo de crescer e conquistar bem mais do que enxergamos por hora. Na vida pessoal e profissional. Se existe a possibilidade de ultrapassar os limites autoimpostos pela nossa falta de visão a

respeito, ausência de vontade ou dificuldade de fazer concretamente as coisas (às vezes os três aspectos estão presentes), por que não mudar a crença a respeito? O que exatamente nos prende e impede de realizar o que consideramos ser impossível? O que julgamos ser impossível neste momento? Será que é, de fato? O impossível pode ser uma justificativa para nem tentarmos empreender mais do que oferecemos?

Há um gigante dentro de você. Talvez já tenha até experimentado alguma situação incomum e teve de se chacoalhar, e então percebeu que há mais (muito mais!) a ser explorado, desde que se decida a tanto.

O que se percebe, grosso modo, é que pouco nos cobramos em relação ao nosso desenvolvimento. Podemos muito. Todavia... Para extrair mais devemos nos cobrar mais. Você tem o direito (e o dever, acrescento) de fazer uso do gigante que é. Desperte-se!

O medo de errar

A vida é surpreendente, pois nunca se sabe quando ocorrerá uma importante aprendizagem abrindo portas a horizontes até então desconhecidos. E foi assistindo a um ensaio de uma orquestra jovem que compreendi um aspecto crucial ao desenvolvimento humano. O maestro que ali regia os músicos, preparando-os para uma apresentação que se aproximava, interrompeu-os, dizendo: "Percebo que alguns estão tocando com medo, deixando a música sem vida! Não tenham receio! Toquem pra valer! Se tiverem que errar que errem feio! Só assim conseguiremos extrair a beleza que a música oferece!". A sua intervenção causou um silêncio profundo naquela sala, e ao mesmo tempo provocou um intenso barulho dentro das várias cabeças ali presentes, forçando-as a refletir sobre o medo de errar. Assim, o ensaio prosseguiu mais vigoroso.

Alguns dias depois, novo fato me estimulou a rever o caso ao assistir pela televisão uma apresentação de patinação artística no gelo. Algumas jovens patinadoras eram avaliadas por um júri bastante crítico. Os dois comentaristas do evento apontavam o receio que a maioria delas tinha em errar, preocupadas em não cair na pista, levando-as a certo engessamento durante as coreografias. Uma delas, contudo, segundo eles, chamava a atenção por sua conhecida ousadia, coisa que lhe rendeu um colossal tombo, tal como se previra. A moça não hesitou, e logo continuou a apresentação. Ao final, de acordo com a soma dos pontos, adivinha quem venceu a disputa? Justamente ela, a corajosa, que se expôs muito, mas brilhou bem mais. As outras não caíram no chão (talvez tivessem se petrificado de vergonha ante tal cena), porém empalideceram diante da colorida e viva apresentação daquela que tombou, perdeu pontos,

mas ganhou. Fui tomado por uma convicção e disse a mim mesmo: "o maestro estava certo!".

Por que temos tanto medo de errar, se é através do erro que alcançamos o aperfeiçoamento e algumas vitórias na vida? O que nos leva à sujeição da mediocridade se há tanto a conquistar? Que razões nos impedem de transitar do pouco ao muito? Quem nos obriga a permanecer na sombra, com tanta luz ao redor? Por que nos engessamos na vida profissional ao apresentarmos coreografias tão tímidas e limitadas? Que tipo de estímulo nós oferecemos aos nossos filhos: empobrecido talvez? Será que assim também cerceamos o desenvolvimento da nossa motivação ao reduzir as metas e possibilidades de conquistas a que temos tanto direito? Que mal há em cair no chão ao tentar superar-se? O que há de errado com o erro? Quem define os limites das nossas conquistas? O medo de errar é maior do que a esperança de ultrapassar as próprias limitações? Quem pode tocar, com ânimo e coragem, o instrumento da evolução, autorizando-se a vibrar exuberantes notas do crescimento que impressionam por sua magnitude?

O maestro estava certo!

Autoengano

Autoengano, resumidamente, é a capacidade de criar idéias que assumem veracidade para quem as criou. Não se trata, portanto, de uma mentira, pois que a mesma não se sustenta aos olhos do mentiroso; ele sabe conscientemente que é uma farsa. Então, autoengano é uma invenção que dá certo na cabeça do seu inventor, levando-o a crer nela. A prova de que o autoengano é tão eficiente em sua proposta se demonstra quando é possível enxergá-lo: “defeitos” que passam a ser percebidos no outro depois de ter-se experimentado uma decepção significativa, por exemplo. De tal descoberta pode advir a raiva, fruto da descoberta sobre a própria cegueira. No entanto, o autoengano reaparece, levando a pessoa a crer-se vítima e a acusar o outro até então revestido de incontáveis e intocáveis qualidades. Mais: não investir na formação intelectual e se queixar frustradamente da falta de sorte no mercado de trabalho também expressam sobremaneira o jogo proporcionado pelo autoengano.

Não obstante, a existência de tal artimanha se explica pela sua importância relacionada à defesa psíquica (criada pela natureza desde há muito tempo) da qual dependemos para ajustar necessidades e desejos pessoais e, sobretudo, suportar os reveses da vida, notadamente os fracassos, insistentemente atribuídos aos outros e às circunstâncias. Assim, o autoengano deve ser entendido como um escudo que se ergue diante de ameaças contra as quais não conseguimos lidar num dado momento. Mas se exagera no seu uso, pois ao invés de baixar oportunamente tal defesa e prosseguir enxergando a realidade para se crescer através dela - ainda que cause o necessário mal-estar que inquieta e provoca o desenvolvimento -, a acomodação e o medo levam à inadequada e

permanente empunhadura do escudo. Por conseguinte, pelo decorrente bem-estar gerado, a pessoa permanece vivendo boa parte da sua vida sob a condição autoenganada. Ela desperdiça, pois, excelentes chances de crescimento. Às vezes patina na jornada evolutiva. Às vezes estaciona. Com o tempo, nessas condições, passa a descrever de si mesma, se frustra, e aceita a triste sina (autoimputada) que o “destino” lhe reservou. É mais simpático socialmente e menos dolorido emocionalmente ver por esse ângulo. A culpa recai sobre o mundo.

Não bastasse tal fato, é preciso considerar ainda o reforço social existente cuja força alimenta e faz manter tamanho atraso diante de tanto potencial que se tem à frente. Ou seja, em razão de a grossa maioria das pessoas ao redor do mundo viver em nível de desenvolvimento similar (ainda que se diferenciem claramente questões intelectuais e materiais), o autoengano, todavia, está presente em todos, sem exceção. Quem não precisa de defesas, sejam elas biológicas, sociais ou psíquicas? Portanto, o autoenganado reduz a capacidade de analisar a si mesmo porque se sente igual aos demais de convívio. “É assim mesmo...”, justifica-se. O que não se percebe, infelizmente, é que por trás da cegueira, da acomodação e do inadequado reforço social, reside o autoengano, importante, mas capaz de acorrentar (mais do que qualquer outro modelo de escravidão já visto!) o ser humano à falta de conhecimento sobre si mesmo e ao pesado atraso que reduz excessivamente a velocidade da roda evolutiva. No entanto, felizmente, há alguém com poder de refletir e autorizar a mudança essencial para reduzir gradativamente o alcance do autoengano e oferecer ajuda e maior crescimento: você. Já pensou nisso?

Você tem tempo?

Uma via filosófica de pensar sobre o tempo diz que o presente sequer existe, pois o passado sempre acaba de ficar para trás, nem que seja por ínfimos instantes; o que se leu deste texto até aqui já é passado, por exemplo. E, por outro lado, numa espécie de divisa claramente demarcada, trilhamos a estrada do futuro com os momentos que nos chegam, tornando-se, num constante movimento, passado novamente. Não há espaço, portanto, para o presente que, por sua vez, é uma ilusão que se estabelece em nossas cabeças.

De outra perspectiva, é possível tratar a questão de modo oposto, pois, alega-se, só pode existir o presente, haja vista o passado já ter-se ido e, assim, o mesmo ser apenas uma lembrança que não pode ser experimentada concretamente. E o futuro, que ainda não se pode viver por sua natureza impalpável (ao menos até que chegue ao presente das realizações), fica no campo das possibilidades, ainda que estas tendam a se concretizar oportunamente.

E o que dizer acerca da velocidade do tempo, cuja relatividade se impõe conforme a percepção momentânea de cada um? Se nos sentimos bem, passa depressa, se há desprazer, a morosidade corrói o otimismo e a esperança; o relógio parece não andar. Ainda, e o que dizer sobre os “saltos” temporais tão comentados no cotidiano, cujo calendário, semanal, mensal ou anual tem causado surpresa, ainda que se acompanhem de perto as horas e os dias por força dos compromissos constantes de uma agenda que não cessa, só aumenta?

Corremos atrás dos compromissos, e mal terminamos o primeiro (passado), já estamos de olho no próximo (futuro), praticamente sem saborear enquanto eles são realizados (presente), qual fazer uma refeição discutindo assuntos que requerem boa dose

de concentração a maior parte do tempo. Somos capazes de não lembrar daquilo que comemos há poucas horas! Acaso tal velocidade de afazeres constantes e atenções voltadas para o porvir não atropelam algo fundamental como a consciência que se dá ao que se faz no momento imediato, no aqui e agora? O que resulta de tal hábito, considerando que não se trata de uma única vez? Por ventura, com o passar dos anos, não nos sentimos com certo vazio a preencher o lugar que deveria pertencer aos sabores naturalmente sentidos durante a ingestão de atividades diárias? Não advém daí certa porção de tristeza também?

Mas é devido lembrar que, se de um lado a impiedosa máquina social dos compromissos nos devora em seus acelerados avanços, por outro, nós, ainda que despercebidamente, alimentamos tal criação. E, naturalmente, somente nós podemos ultrapassar tamanho obstáculo, modificando-nos ao tomar consciência do sistema no qual nos encontramos (e dando mais atenção ao presente), ajustando, o quanto for possível, os ponteiros do relógio da qualidade de vida (não nos esqueçamos igualmente que perspectivas e fantasias insaciáveis futuras geram frustrações a seu devido tempo), pois, apesar de construirmos a pressa e suas consequências, é possível desejar coisa diferente, e então transformar evolutivamente o amanhã. Você tem tempo pra isso?

O homem prometido

Vê-se claramente o primitivismo presente em considerável número de pessoas, atraso do nível de desenvolvimento que se iniciou nos primórdios da nossa origem. Ironicamente, muitos se julgam avançados e no topo das realizações. Todavia, o homem é um ser que tem a habilidade de enganar a si mesmo. O psiquismo é capaz de turvar o raciocínio, alterando a percepção da realidade. Enxerga o que lhe convém, sobretudo as suas proezas, sem se dar conta de que elas estão longe de serem suficientes para facultar-lhe o real título de civilidade.

Ele não vê, contudo, a sua própria imagem irracional quando se lança truculentamente nos embates sociais, ao disputar o território com seu semelhante, na selva de pedra. Não tolera segundos de atraso daquele que se interpõe em seu caminho. Irrita-se com facilidade. É capaz de agredir, de formas variadas, os que lhe são próximos, jugando-se justo, afinal, os seus problemas sempre são maiores e mais complicados. Não percebe, infelizmente, que os neurônios não processam a informação devidamente em razão de o orgulho e as emoções ainda predominarem no nebuloso terreno cerebral. É a cegueira dando as cartas no perigoso jogo da raiva e da sorte. Alguém acaba levando a pior.

Quando o homem se apresenta ao seu meio, no entanto, faz boa pose e tenta se mostrar benevolente, manso, adorável e sorridente, por vezes, ocultando assim o comportamento feroz tão vivamente experimentado no cotidiano longe do olhar alheio. Entretanto, a máscara da gentileza estranhamente permanece no seu ator, mesmo nos momentos em que se encontra só; ele não se reconhece como tal, mas como um cavalheiro, à sua moda, é claro. Ele próprio se convence de que é aquilo que desejou ser com o

tempo. É o autoengano. Passa a acreditar na elevada estatura que se desenhou em sua mente. Descarta rápida e escorregadiamente o autoretrato fidedigno, no qual, impõe-se a realidade.

Contudo, na origem da espécie, ao mesmo tempo em que o ser humano se mostra rude, encerra-se nele também a promessa do desenvolvimento ilimitado, com a ressalva de uma exigência para se atingir as várias possibilidades de se tornar melhor: o exercício contínuo do poder existente em si. É, pois, através do esforço, da vontade e da incansável determinação que se alcança, cada vez mais, a grandiosidade a que temos pleno direito.

Eis o milagre que subjaz silencioso no íntimo de cada um. De todos, sem exceção. É a grande promessa, mas que requer o empenho pessoal para que se opere a ascensão de cada passo na escalada do monte que conduz ao êxito. Não o sucesso superficial que se desmancha. Mas a vitória de se tornar alguém capaz de marcar favorável e profundamente a si mesmo e aos demais; o registro vivo que não se apaga. Aquele que pode tudo quanto lhe convier, porque simplesmente possui a estatura necessária do desenvolvimento.

Convença-se: Você é a grande promessa de si mesmo!

O jeito Curupira de andar

Quando temos a certeza de que só andamos para frente, e a referência evolutiva baseia-se tão somente nos avanços tecnológicos, é aí que o autoengano demonstra claramente ter tomado conta da razão. Se antes ainda havia certo bom senso que combatia as exageradas fantasias pessoais, agora, contudo, a ilusão revestiu a sociedade com a sua lona e o show, ao que tudo indica, não tem hora para acabar. Enorme porção das pessoas, por exemplo, possui uma educação esfarrapada. Mas dá para levar assim mesmo! Afirma-se. Afinal, para que serve o saber se o mercado de trabalho exige títulos? A ética, sobretudo na esfera política e no 'jeitinho' popular de arranjar as coisas, foi praticamente sorvida pelo vampiro da corrupção. Ninguém faz nada? É claro que faz, ri sentado enquanto assiste à televisão e toma cerveja. Quer mais? O consumismo não apenas diz o que vestir ou o que comer, ele dá as cartas em relação ao modo de se relacionar socialmente, haja vista 'ter' e 'ser' significarem a mesma coisa na nova linguagem das relações humanas. O dinheiro manda, obedece quem tem dívida! Ou ansiedade. Enfim, fazer é melhor do que pensar. O negócio da reflexão e da consciência, conclui-se, é coisa dos livros os quais não lemos. Deus me livre! Só ouvimos falar neles.

É o jeito Curupira de andar. Os passos são sempre para frente, mas as pegadas mostram o contrário, pois os pés estão voltados para trás. Para piorar, cremos, sem hesitação, que somos a geração do futuro. Bravo! De modo imperceptível, o autoengano trabalha incessantemente e nos faz crer melhores do que somos. Porquanto pergunto, sem defender qualquer proposta de retrocesso: já não foi bem melhor a qualidade da educação no passado em relação ao que se percebe no presente? Não houve mais honestidade ontem do que

hoje, mesmo quando a malandragem percorria alguns gabinetes parlamentares? E quanto ao consumismo, por que cedemos tanto à roda escravista do sistema Compre-Mesmo-Sem-Precisar? Achamos natural trocar muitos bens em pequenos intervalos de tempo! Então, tornamo-nos reféns de nós mesmos a partir da hipnose arquitetada e promovida por meia dúzia de pessoas interessadas em tal sonolência e enquadramento? Somos cativos do astuto esquema psicológico, pois temos que trabalhar cada vez mais para manter o status que exige tais compras, do contrário nos sentiremos inferiores, pobres diabos da sociedade. Assim o fazemos e, ironicamente, vivemos a reclamar pelas dificuldades imputadas pelos gastos frequentes. Pior: para alguns, o consolo é ver-se de pé no páreo diante dos outros que tombam ao longo da funesta corrida que oferece exaustão e constante falta de ânimo por nunca ser possível ver a linha de chegada. Ignoramos a nossa falta de reflexão e visão acerca dos males que nos afligem. Lançamos a culpa sobre os outros e as circunstâncias; tudo que esteja além de nós. Nunca a nós próprios. É o jeito Curupira de andar, acreditando que se avança sem notar as pegadas a dizer o contrário. Será que estamos dando os passos na direção do verdadeiro desenvolvimento, capaz de resultar em autonomia e sustentabilidade?

Tem que dar certo!

Mediante os problemas cotidianos, sejam eles simples ou complexos, há uma tendência de as pessoas desistirem de resolvê-los, sob a alegação de que não será possível tal propósito. Comumente se ouve alguém assegurar que determinada tarefa não será realizada em razão de sua dificuldade. Aparentemente, vários problemas demonstram não ter solução. Assim, a desistência surge oportunamente, deixando de lado qualquer nova tentativa.

A desistência torna-se um hábito e uma crença e, portanto, ela se enraíza com força, levando muita gente a manter-se nesta condição empobrecida de não seguir adiante e explorar as possibilidades de soluções dos problemas. Todavia, quando alguém resolve encarar o desafio já abandonado por outrem, é possível chegar a bom termo e revelar duas situações: a de que é possível resolver aquilo que se considerou impossível, e, a limitação do desistente, seja ela originada na falta de conhecimento ou na preguiça.

Boa vontade e persistência, se aliadas ao conhecimento, formam uma poderosa arma no combate a desistência na solução de problemas. Acomodar-se neste tipo de situação impede o crescimento da pessoa. Cada fuga cometida é uma oportunidade a menos com relação ao próprio desenvolvimento. Por outro lado, cada tentativa é um avanço no aperfeiçoamento pessoal. Nas palavras do psicólogo estadunidense Abraham Maslow (1908-1970): “Muitas vezes temos que escolher entre o crescimento e a segurança, entre progredir e regredir”.

“Tem que dar certo” é o pensamento necessário ao momento em que se tenta resolver uma dada questão. Não desistir até se tentar um bom número de vezes: por vias diferentes, com idéias

novas e criativas. Faça da persistência uma aliada que permite maiores chances de se obter sucesso na solução de problemas. Mantenha na cabeça a idéia: Tem que dar certo! E faça a diferença.

Política educacional

Ao viver em uma sociedade bastante idealizada em relação à realidade nua e crua dos seus membros, o ser humano paga um alto preço por tal discrepância. Informações genéticas obrigam-no a sobreviver e se aperfeiçoar a fim de tornar-se apto e a dar continuidade à espécie através da sua descendência. Logo, o choque é inevitável frente às normas e leis que tentam regular os comportamentos sociais. Duas poderosas forças se enfrentam e disso pode decorrer evolução, conflito e, nos casos extremos, significativos desajustes psíquicos.

A luta se inicia de forma sutil através do psiquismo e da funcionalidade cerebral. Tal combate se estabelece entre as funções mais antigas (anatomicamente, o sistema límbico e as emoções, por exemplo) e as mais recentes (neocórtex e o planejamento e o controle). Se há boa comunicação entre o antigo e o novo, ou seja, entre o lado original animalesco e o lado que busca a civilização, é possível resultar bons avanços. Do contrário, o mal-estar revelará a presença de discórdia que, se canalizada irrefletidamente para os comportamentos, pode gerar desacordo social. A brutal inconsciência nocauteia a mirrada consciência.

Vale destacar que é fundamental cobrar o desenvolvimento das potencialidades humanas, sobretudo a autonomia intelectual e a ética que levem a pessoa a observar o que é bom para si e para outrem. É assim que se pode extrair maiores e melhores resultados para o bem-estar do indivíduo e da comunidade. Pois se a acomodação reina, as trevas se sobrepõem à luz. No entanto, ao mencionar cobrança e extração do progresso humano, urge agregar outros itens cruciais: o adequado investimento na educação cuja aprendizagem demanda estratégias voltadas para a aquisição do saber e, notadamente, a

prática da reflexão. Adquirir conteúdo apenas é ter a chave; processá-lo reflexivamente é abrir a porta.

Então, o que se percebe de forma gritante no convívio social é, de um lado, pesada exigência sobre o controle dos comportamentos, e, de outra parte, pouca oferta de qualidade educacional que valorize conteúdo, crítica e autonomia, que podem, gradativamente, formar gente com ideias próprias e a capacidade de assumir as inerentes responsabilidades cidadãos como o exercício político que atinja a democracia consciente e responsável em detrimento do ato eleitoral meramente mecânico e inconsequente e a malfadada passividade, dentre outros aspectos.

Sem a educação civilizadora o homem permanecerá indefinidamente escravo de si mesmo e refém da manipulação ardilosa de outros homens. Porquanto se deve lutar voraz e incessantemente em favor das políticas que favoreçam a educação de qualidade para que os reflexos de tal empreendimento beneficiem futuras gerações que, ao olharem para o seu passado, entendam claramente que a intervenção madura é o caminho para libertar o homem e torná-lo um transformador pleno da sociedade.

Quem só espera dificilmente alcança

Não nos conhecemos! Ignoramo-nos a ponto de desejar coisas que não nos dizem respeito por considerável impressão distorcida. É o autoengano. Somos capazes de criar inúmeras ilusões das quais nos alimentamos para fugir à dor gerada pela realidade. Cremos no que imaginamos até se tornar uma verdade particular. Faz bem. Dá alívio. Mas não nos faz crescer. Traz frustração, raiva e desânimo. Logo, antes mesmo de se localizar em algum plano de crescimento, é preciso encontrar-se primeiramente. Ou seja, em razão de voltarmos excessivamente a nossa atenção ao nosso redor, bem pouco olhamos para a vida interior com a devida atenção.

Vale lembrar: faça como você quiser, porém o preço lhe será cobrado! É importante ter a liberdade de escolha (cuidado, pois, com as suas decisões!), mas é igualmente essencial (ainda que se tenha feito opções erradas) obter resultado àquilo que se escolheu. Do contrário, equivaleria dizer que após árduo e prestimoso cuidado com o plantio, nenhuma colheita se poderia aguardar. Injusto, não?! Mas a resposta sempre chega: suficiente ou insuficiente, considerando-se o conhecimento e a experiência presentes em relação ao nível da qualidade resultante. Justo, não?!

Assim, depende do quanto você se conhece, para estabelecer o planejamento com os objetivos mais adequados, os quais poderão ser uma fonte constante de motivação, pois os motivos serão legítimos, e farão sentido na hora de persegui-los, sobretudo quando for necessário persistir, haja vista existir um tempo para cada coisa. Quanto mais você se enxergar, tanto melhor será o direcionamento dos esforços para o crescimento e a autonomia a que se tem pleno direito.

Cada novo passo dado rumo à evolução pessoal fará aumentar o desejo de romper com o atraso ao qual se vive preso, fruto da respectiva falta de visão. Eis o preço: Enquanto o ser humano não alcançar a mínima consciência de que ele próprio se limita e, portanto, vive sob o manto da mediocridade autoimposta, pouquíssimo mudará na sua vida. Seria ilusão esperar algo diferente, não acha? E injusto também!

Contudo, é devido antecipar que, ao entrar em contato consigo mesmo, de modo honesto, profundo e frequente, a verdade emergirá dolorosa, causando mal-estar. Mas é por causa de tal incômodo que nos mexemos na direção do aperfeiçoamento, e que foi justamente a tão confortável quão prejudicial acomodação que nos amarrou à falta de visão sobre nós mesmos e às suas típicas decorrências.

Então, o que você pretende fazer? Só esperar? Se localizar superficialmente em um dado plano de desenvolvimento sem considerar a fundamental autorrevisão? Ou empreender uma ousada e aflitiva (embora crucial) autoavaliação, e em seguida traçar novo e sólido planejamento para o desenvolvimento pessoal?

Ser responsável?

Há pessoas que se apoiam na opinião popular para justificar suas ideias e comportamentos tanto favoráveis quanto desfavoráveis. Elas recorrem a já desgastada desculpa: "Se todo mundo faz, eu também posso". Decerto que sim. O fato, porém, revela que o pensamento não está a serviço da solitária reflexão interior, mas, do massificado barulho externo. Ao errar, sofre o conjunto, e não apenas a parte. Se a cesta de ovos cair, perde-se a refeição toda. O que leva alguém a se manter sob tal condição?

Embora exista claramente o risco do prejuízo nas situações de massificação, enxergá-lo requer ponderação. É possível fazer emergir algumas explicações razoáveis para o caso. Uma delas é a padronização do comportamento, que pode servir para criar força, sobretudo emocional onde tal energia não se faria presente através da lógica. É como ganhar no grito. A diferença, no entanto, está em não haver necessidade de se berrar. Parece racional, haja vista a maioria concordar, mas é uma ilusão que, de pessoal, alastra-se com facilidade ao reforçador campo comunitário. A tática está em se mostrar coletivamente à frente do individual. Assim convém.

Contudo, se o equívoco se impor inexorável, provando o engano pluralizado, ainda resta apelar à outra interpretação: "Confiei no grupo, mas me enganei". Eis a tábua "salvadora". O ovo que quebra com a queda da cesta parece refletir o infortúnio de estar acompanhado do excedente peso existente nos demais ovos. A tática está em se esconder individualmente atrás do erro coletivo. Assim também convém.

Para enriquecer esta análise, vale a pena recorrer a uma fábula escrita no século VI a. C. por Esopo. "Uma viúva que trabalhava arduamente tinha por hábito acordar suas jovens criadas com o canto

do galo para a lida. Cansadas de tanto trabalhar sem trégua, as criadas resolveram matar o galo: achavam que a razão de toda sua desgraça era ele, que acordava a senhora antes de o dia nascer. Qual nada! Morto o galo, o destino delas piorou ainda mais: pois a senhora, sem o galo e, conseqüentemente, sem seu relógio, as convocava ainda mais cedo”. A narração alegórica lhe pareceu real?

Vê-se, com efeito, uma sequência de desculpas, que pode se alternar conforme a conveniência. Percebe-se ainda a insistência pela qual alguém pode se manter na roda da estagnação ao não assumir uma postura reflexiva particular e mais responsável sobre si mesmo na vida pessoal e profissional. O esbanjador que critica a taxa de juros cobrada na fatura do cartão de crédito é um exemplo clássico. O empregado que reclama por aumento de salário sem oferecer qualquer valor profissional a mais é outra amostra.

Mas, cuidado! Visto de fora, é fácil identificar tal engano no outro. Pode-se até apontá-lo abertamente ao seu autor, causando todo tipo de resposta e de embaraço, inclusive. Porém, ao lançar a questão sobre si próprio, que tipo de reação eventualmente se dará? Negar ou aceitar? Pelo menos, pensar a respeito, é possível?

Seja responsável!

Ser você mesmo?

Não importa se os vizinhos agem de forma semelhante. Se vários colegas do trabalho concordam entre si com certas questões. Se os parentes falam a mesma coisa. Se a história reconta o passado estimulada pelos fatos presentes. Se a mídia exhibe a mesma situação repetidamente. Se a maioria faz tudo quanto faz. Conveniência?

Nada deve interessar se você não analisa criticamente cada impressão que recebe. Portanto, é um dever opor-se à opinião de terceiros sem apreciá-la primeiramente, para não tropeçar e, pior, ao cair, apontar o dedo da culpa para os outros. Boa parte da responsabilidade pessoal é fruto da consciência sobre si mesmo, admitindo que se errou ao agir inconscientemente. Aquele que não ilumina o seu caminho através da reflexão, vaga errante nas picadas escuras formadas pelos retalhos das ideias alheias. Só você é capaz de lançar compreensão sobre os pensamentos e atos com os quais convive. Seja você mesmo!

Por não ter consciência sobre o que pensa, o homem concorda com muita coisa que sequer lhe diz respeito, no intuito de, pelo menos, mostrar-se cordato com os demais de convívio. Na ausência da opinião crítica individual, resta-lhe a concordância cega do pensamento coletivo. Medo de ser rejeitado? É um tipo de compensação, ainda que despercebida, efetiva no seu propósito. Parte e todo, pois, andam morosa e empobrecidamente.

É preferível desagradar a alguns e evoluir solitariamente a manter-se preso ao atraso do grupo. Cumpre dizer, contudo, que não é pela discordância que as pessoas se separam – ela, ao contrário, aproxima aqueles que nela enxergam proveito –, mas pelo desinteresse que se instala à medida que um avança e outro fica para trás. O ser humano agrupa-se socialmente por interesses particulares

que atendam necessidades e desejos próprios. Ao perder tais proveitos, dá novo direcionamento às relações, buscando inusitados horizontes, ainda que negue a importante mudança, pelo sentimento de culpa que pode imprimir pressão e pesar.

Não é simples atravessar o deserto da transformação pessoal ao separar-se das pessoas de convívio, todavia há ganhos que não apenas compensam, mas elevam o entendimento de que a evolução cobra por cada passo dado e o seu preço é mais do que justo. Interessantes personagens atraem e são atraídos, gerando renovada e oportuna roda de convivência, além do alargamento da consciência que dá testemunho, cada vez mais, dos próprios atos que, por sua vez, são fruto da reflexão e não do acaso que é par constante da inconsciência. Seja você mesmo!

Somos adultos?

Por adulto, compreende-se: “relativo ao período da vida após a adolescência”. Mais: aquele que é capaz de tomar decisões e responder por seus atos, e, ainda, que possui independência, permitindo-lhe a mínima sustentabilidade material para a própria sobrevivência e a de terceiros sob a sua responsabilidade, temporária ou não. Então, pode-se discorrer amplamente acerca dos aspectos que caracterizam o perfil do indivíduo adulto. Não se considera, contudo, uma questão essencial que pode fazer desabar a estrutura aparentemente madura quando se sofre certa pressão em um ponto vulnerável: a infantilidade do ego que não aceita se frustrar, e que se oculta sob o disfarce de vítima da agressão alheia, nunca da própria imaturidade. Portanto, tornam-se cruciais a adequada percepção, a análise crítica e o bom senso quanto ao autoengano de se julgar ser aquilo que não é.

A dinâmica inconsciente da autoilusão entorpece a mente e contraria as evidências, pois, do contrário, poder-se-ia tomar consciência a seu respeito e, por opção consciente, modificar a situação. Não se trata de uma mentira que se aplica às claras, com o consentimento do seu autor. Não. É um jogo subterrâneo do psiquismo que tenta se defender da dolorosa condição de desenvolvimento em que se encontra. Alguém que trabalhe e sustente financeiramente a si próprio (e a próximos do seu interesse) é visto como gente grande. Mas se não consegue lidar com uma discussão de convívio pessoal ou profissional e aponta o dedo da culpa para os outros e não à sua deficiente visão dos fatos, poderia ser percebido como uma criança que não tolera sentir-se magoada. A força descontrolada das emoções que emergem e a falta de

maturidade cedem lugar à birra que faz obscurecer a avaliação racional de tal fraqueza.

Quando nos encontramos tristes por algo dito por outrem, por exemplo, rapidamente disparamos em troca a crítica, posicionando-se como vítima. Se há testemunha, então, reforça-se o fato com maior vigor. O anjo desfalece diante do seu demoníaco algoz. Todavia, se há luz suficiente para clarear a escuridão do desconhecido equívoco, é possível julgar o caso com maior propriedade e chegar à reveladora elucidação. Observe-se que o que se atribui ao outro como culpa, é, basicamente, a ausência de consciência sobre si mesmo. Somente a própria pessoa pode autorizar, ainda que sem perceber, a quantidade e a qualidade do impacto sofrido pelos estímulos que lhe chegam. Tanto que, em determinado momento, pode-se receber um desagrado e causar revolta de toda ordem, e em outra ocasião, o mesmo tipo de desprazer ser superado com imensa facilidade. É o ponto de vista, num dado momento da vida, que dá o tom particular ao evento experimentado. Daí decorre a incompreensão que distorce a realidade, trazendo à tona a insegurança, a raiva e a cegueira daquele que passa a se comportar como uma criança.

A dificuldade de se empreender a evolução adulta mais plena reside na crença (e na teimosia) de que se está certo de maneira absoluta naquilo que, pela lógica, se mostra infundado. De não se perceber limitado e imperfeito, tendo à frente considerável caminho de aprendizagem. Da acomodação que se opõe ao enorme esforço exigido pelo amadurecimento. E, notadamente, da inconsciência a respeito da própria inconsciência.

A reflexão e o autoconhecimento, pois, podem elevar o homem à vida adulta, proporcionando-lhe mais consciência e maturidade, tão fundamentais para o domínio de si mesmo e das escolhas que são feitas constantemente.

Você é maduro?

Quem sempre aponta o dedo da culpa para os outros, age de modo adulto? Não é justamente através da responsabilidade pessoal que se cresce solidamente e alcança-se a maturidade mínima para o ideal convívio social? Basta dizer “sou maduro” para se alcançar tal condição? E quanto a enganar a outrem, fugir e se achar esperto, seja por um ato estarrecedor ou por uma mentirinha (aquela que todo mundo conta)? Aliás, é sinal de maturidade fazer o que a maioria faz? Não fica evidente que se está enraizado no jardim da infância ao se revelar sem qualquer pensamento crítico? Mais: confundir independência financeira com maturidade pessoal não é uma maneira de se autoenganar, agradando a si mesmo e a sociedade cuja adoração massificada pelo consumo sobrepuja a autonomia individual pensante?

Pode-se afirmar que é a fantasia dando as cartas no jogo do faz-de-conta quando alguém age irresponsavelmente, tem medo das consequências e, de quebra, ainda foge na esperança de que tudo seja esquecido? Coisa de criança? Revela-se, então, só uma sombra pálida e impotente do “adulto” frente aos muitos chamados da responsabilidade? E quanto às artimanhas usadas pelo autoengano? Falar grosso e gritar (além do astucioso jogo de palavras) não assumiram, pois, a lacuna deixada pela falta de desenvolvimento da fundamental fase do crescimento individual? Então, não é através do grito que a criancinha tenta impor as suas ideias e obter aquilo que deseja? Ou por meio da manha que seduz e conquista? Não estão, portanto, tão evidentes os comportamentos que revelam a infantilidade das pessoas que ainda carecem do devido amadurecimento?

Porquanto, o que fazer? Uma coisa é enxergar, outra é mudar, não é? O que acontece quando se nega, autoiludidamente, que se tem muito pela frente, na escalada da maturidade? Fica-se refém do atraso? Entretanto, ainda que a autoavaliação honesta, profunda e frequente cobre o seu preço através do inevitável mal-estar, não é ela a ferramenta adequada para se conquistar a consciência em relação a si mesmo, além de gerar o incômodo essencial para que se imponha a mudança na direção do crescimento? Mas, para empreender a autorrevisão, o autoconhecimento e a transformação pessoal não é necessária a autorização íntima?

Assim, vale afirmar: Só a pessoa pode oferecer a si mesma o desenvolvimento que se extrai através da reflexão particular. Todavia, apenas ela, igualmente, pode se impedir a tamanho benefício se a sua inconsciência ainda não permite vislumbrar nem a grandiosidade a que tem direito nem a mediocridade a que se submete.

Você é submisso?

O ser humano sempre ofereceu incontáveis amostras de que é capaz de qualquer coisa para sobreviver – sob pressão, inclui-se tanto ser injusto quanto estar autoenganado. A sua empobrecida posição na escala evolutiva do convívio assim pode atestar com insignificante margem de erro. O baixo nível de consciência garante, por enquanto, a autolimitação mental através de algumas crenças que normalmente se formam a respeito da exagerada dependência financeira e emocional entre as pessoas nos variados campos em que a experiência coletiva se faz oportuna.

Porquanto é possível perceber muitos comportamentos desatinados nas relações conjugais, por exemplo, cujo extremo revela, por vezes, a submissão bilateral. Mesmo sob a dilacerante penúria existente entre o casal no trato diário, nada é capaz de dar cabo ao disparate. É a necessidade pessoal, pois, que se impõe de forma autoritária e permanente, caso não se reveja a situação através da autoavaliação e da ajuda especializada. O brutal incêndio do desentendimento avança lentamente, queimando, pouco a pouco, as esperanças de se ter uma vida mais equilibrada e prazerosa. Pior: não há rota de escape aparente. Porém, quase nada é feito para reduzir o fogo, haja vista a fuga de tal aflição significar desgraça ainda maior, pois convém levar em conta o pavor dominante nas muitas cabeças que pesam o custo da sua situação dependente na balança da conveniência. Frustração e medo, de mãos dadas, jogam combustível às chamas do autoaprisionamento. Autoengano?

Mas é também em outro tipo de convivência que se pode destacar a autoiludida e doentia relação na qual se processa a submissão, notadamente, unilateral: na esfera política, através das suas ações controladoras, capazes de tecer considerável rede de

contenção popular, mesmo diante da miséria e da minguada perspectiva, manipulando, assim, de forma silenciosa, a intenção do voto eleitoral, que se une, influente e decisivamente, à continuidade do *status quo* terrivelmente conveniente por hora. O fato, deveras pesaroso, é um só: o atraso prevalece!

Logo, fazer oposição a tamanha submissão, equivale a lutar com um pedaço de pau contra alguém que responde à bala. É claro, contudo, que não se pode fugir ao combate, ainda mais se ele diz respeito à própria liberdade, obtida por meio da consciência e da evolução decorrente. Todavia, tal confronto requer inteligência, além de força e persistência. Mais: vale a pena lembrar que as muralhas históricas “intransponíveis”, foram ultrapassadas ou derrubadas por famosos personagens e, destaque-se devidamente, por quem menos se esperava: o povo (a pessoa comum), reunido sob um único sentimento de liberdade frente ao excessivo controle existente.

Você é submisso? Quer se libertar? Porém, os tempos são outros e a luta está muito mais dentro do que fora de você.

Passe de mágica

O desejo é uma parte importante da realização. Ajunte-se à lista, ainda, conhecimento, atitude empreendedora, persistência e espírito crítico para mudar quando necessário. Saber, querer e fazer são condições para se alcançar metas. A questão, contudo, diz respeito à forma de se desejar. O que se espera comumente é que as coisas aconteçam conforme a crença pessoal, sem se considerar o que cada objetivo requer verdadeiramente. Embora a pessoa acredite que esteja plantando corretamente, a semente não vinga e a colheita falha.

Um trabalhador, por exemplo, se esforça por determinado período para chegar mais cedo, ser simpático com os colegas, agradar o chefe, na expectativa de obter promoção e aumento de salário. Mas não investe em si, para adquirir mais conhecimento, autonomia e responsabilidade pessoal. Não se leva em conta o que é imprescindível, mas o que é conveniente. E o resultado esperado, porém, sequer passa perto das possibilidades. Então, a boa vontade cai, fazendo elevar o descaso.

O aluno quer o diploma e a festa de formatura. Todavia, não estuda e quer que seus exames resultem favoravelmente com boas notas. Não é assíduo e protesta, julgando-se injustiçado ao constatar as faltas registradas. Conversa durante a aula e estranha o desconhecimento acerca do tema apresentado. Demora a iniciar um trabalho e se diz vítima da falta de tempo. Atira pra baixo e reclama de acertar o próprio pé.

Uma pessoa abre seu negócio sem observar o mercado e perde informações que poderia lhe render a sobrevivência, quiçá o progresso. Pouco se dispõe a mudanças, não se atualiza, torna-se

obsoleta e pouco competitiva. Não se mexe, apenas aguarda, e ainda se lamenta da maré de azar. É como lançar o anzol sem a isca.

O esbanjador tropeça na perna da imprevidência, mas se queixa da falta de dinheiro. Gasta sem se preocupar com o futuro. No entanto, quando o porvir lhe chega, faz do seu presente motivo de abominação. Usa o cartão de crédito livre e alegremente até a fatura lhe causar tristeza.

De um jeito ou de outro, não basta querer para obter. É preciso mais. Não há mágica. Mas pode existir ilusão. É possível crer com veemência que dará certo aquilo que, se analisado à luz da consciência, se mostra claramente improvável. O devaneio pinta o cenário com lindas cores o esboço que mal saiu dos contornos de carvão. É crer que as parcelas do seguro-desemprego não se acabam. O bolo não queima. A desculpa resolve. O tanque reserva é suficiente. O tempo espera. A droga não vicia. Nada atrapalha. A saúde é inabalável... A lista é interminável e cada um a escreve à sua moda.

Eis o risco: se autoiludir na certeza de controlar a ilusão. Negar a existência do engano sem percebê-lo em si mesmo.

O mundo é quadrado

Embora boa parte das pessoas, há séculos atrás, soubesse que o mundo era redondo, atribuiu-se à época, a ignorância popular de se pensar que o planeta era quadrado. Não obstante, é possível que incontáveis situações possam fazer do presente, palco real de múltiplas manifestações de atraso. Observe-se com que convicção muitos acreditam naquilo que, à luz da coerência, poderia ser negado rapidamente, evitando, assim, arrependimento e perda de tempo no desenvolvimento.

Se o ser humano crê que: apenas o tempo se encarrega de resolver os problemas, confiar na opinião da massa ao invés de desenvolver o juízo próprio é melhor, as questões sociais dizem respeito somente aos políticos, a educação serve apenas para fins profissionais, ganhar sem fazer nada é sinônimo de felicidade, os outros é que são ruins, é normal dirigir embriagado ou agressivamente de vez em quando, nada se pode fazer contra a miséria, pouco se pode ajudar acerca da ecologia, os filhos se educam sozinhos, vence na vida quem engana e não é pego, a culpa é sempre de terceiros, comer e beber exageradamente não faz mal, dentre outros exemplos, então, o mundo, simbolicamente, é quadrado.

Futuramente, entretanto, é bem provável que se ache um absurdo cada item aqui lançado para exemplificar os erros tão largamente empreendidos na vida contemporânea. É possível que se ache graça da atrasada mentalidade que um dia marcou tão desfavoravelmente a vida humana. Porém, ainda que tudo faça parte da aprendizagem e do desenvolvimento, é possível questionar: com que velocidade se caminha se a lentidão se impõe? Ou, por outro lado, em condições bem adequadas, se houver maior aprimoramento

de significativa porção da sociedade, quão mais longe se pode alcançar?

Porquanto não é possível pensar qualquer avanço, acima da média, sem deixar de lado a fantasia de crer em milagre sem a devida obra. Sem se imaginar como parte da operação de mudança. Sem assumir definitivamente a responsabilidade pelos atos e suas consequências. Sem se esconder à sombra da infância, evitando o calor escaldante causado inevitavelmente pelo amadurecimento. Sem compreender que é fundamental investir muito em si, para oferecer, altruisticamente, muita ajuda a qualquer outra pessoa. E, finalmente, sem conhecer a si mesmo para identificar, sem engano, que há muito por melhorar continuamente, o mundo permanecerá quadrado.

É, pois, através do conhecimento, da vontade e da mudança que o desenvolvimento desliza de forma mais arredondada na sua jornada, cuja escala pode variar em graus conforme o nível de consciência.

Se...

Se... é uma condição que habitualmente impede o desenvolvimento de soluções mediante os problemas cotidianos da vida. Muitos são os exemplos a serem observados: Se eu conseguisse chegar mais cedo. Se não chovesse hoje. Se a medida do cano fosse três quartos ao invés de meia polegada. Se fulano dissesse tal coisa. Se eu estivesse estudando. Se eu adquirisse dinheiro. Se a cliente exigisse menos. Se eu acreditasse mais. Se o ônibus passasse em determinada hora. Se não fosse tão difícil. Se o Brasil melhorasse. Se, se, se...

Quanto maior o número de objeções utilizadas, menor será a possibilidade de obter resultados satisfatórios. A expressão se... enfraquece a ação no momento em que atenção, concentração e vontade devem formar a liga das soluções possíveis em prol de obstáculos com os quais nos deparamos permanentemente. Se... é a desculpa antecipada em relação à desistência de se tentar resolver uma dada questão.

Por outro lado, se... pode ser um momento de descanso, entre uma tentativa e outra. Nos esgotamos quando persistimos e não conseguimos os resultados necessários, e, por tal fato, um breve intervalo, sob a forma do se..., vem a calhar. Contudo, ele é apenas um descanso intermediário e não a palavra final. Retomar o assunto e investir continuamente é o que torna possível o sucesso das realizações.

Quantas vezes já usamos se... para incontáveis situações. Fugimos da chance de provar a nós mesmos de que éramos capazes, e que nos faltava deixar de lado o se... e resistir. Se... acaba se tornando um hábito, que nos prende ao campo da ilusão, e rouba o ato da concretização, momento único de agir e conquistar.

Quando nos deparamos com problemas que aparentemente demonstram não possuírem solução, é aí que reside a oportunidade de deixar de lado o se... e encarar o desafio, avançando mais. Pense no quanto já desistiu toda vez que ficou preso ao se... Lembre-se de todas as vezes que você limitou uma resposta com o empobrecido se..., e verificou que alguém foi além e fez melhor. Troque o hábito do se... pelo do “vou tentar”.

O poder da imagem para o sucesso das realizações

Ao fazer uma breve análise a respeito de várias coisas que já desejamos e as obtivemos, será fácil concluir que somos mais capazes do que supomos. Ou seja, há em nós uma imensa capacidade de concretizar desejos e planos que fazemos. Pena que agimos de maneira duvidosa em tantos outros casos. Tudo é possível. Todavia, é preciso consultar a própria experiência, confiando nela como guia para as novas possibilidades.

Um exemplo clássico deste tipo de situação é quando desejamos comprar um bem que temos em mira, como uma televisão. Bem sabemos que nem sempre o dinheiro está disponível para que se entre numa loja de eletroeletrônicos, escolha-se o modelo que mais agrada e, finalmente, pague por ele. Via de regra, há contas que aguardam pelo seu pagamento, comprometendo o salário: prestação de casa ou aluguel, compras de supermercado, luz, água, etc. Mas mesmo assim, caso a vontade de possuir a televisão seja muito forte, embora a matemática financeira nos mostre ser uma situação impossível, damos um salto, superando-a. Pedimos para fazer hora extra em nosso trabalho. Aceitamos colaborar com trabalhos extras da vizinhança. Exigimos maior economia dentro de casa, evitando o desperdício. Cada centavo vale o seu real valor e, portanto, é somado a outros até formar uma nova e importante quantia e, desta forma, valoriza-se ou invés de desprezar o que outrora não despertava atenção. Nos motivamos a buscar mais dinheiro e a controlá-lo melhor. Cavamos daqui, apertamos dali. Ajuntamos e compramos o que queremos. O que era impossível torna-se possível. Ultrapassamos os limites daquilo que se mostrava limitante. Provamos possuir o poder de se realizar desejos, sonhos e planos.

Para isto, dois aspectos importantes estão presentes neste fenômeno: vontade e imaginação. Um alimenta o outro. Enquanto se quer muito uma determinada coisa, seja um bem material, seja uma amizade ou um romance, imaginamos, por várias vezes, viver a situação de posse. Enquanto desejamos bastante comprar um bem, além de achamos os meios de pagar por ele, imaginamos possuí-lo, mostrando-o aos nossos conhecidos etc. Em outra situação, quando queremos nos aproximar de alguém para formar uma amizade ou construir uma vida amorosa, nos imaginamos conversando com esta pessoa, tocando-a, ouvindo-a, enfim, convivendo com ela. Tais imagens que fazemos através de nossos pensamentos, banhados pelas emoções, nos motivam, muitas vezes, a prosseguir na luta de se concretizar os sonhos e planos traçados.

Então, o poder da imagem que criamos em nossas cabeças é forte o suficiente para nos motivar a empreender e a realizar o que pretendemos. Ele é fundamental neste processo de conquista porque nos dirige, por meio dos comportamentos, aos objetivos estabelecidos. Ele nos dá força e sustentação, mesmo diante de alguns empecilhos que se apresentam ao longo da jornada. Ou seja, criamos uma imagem constante dentro de nós que, apesar de tantas dificuldades, cremos mais na imaginação do que nos entraves. E, ainda, a nossa fé na imagem construída é superior aos obstáculos. Cria-se uma força poderosa através das imagens e aumentam-se as chances de se ter sucesso nas realizações.

Contudo, em alguns casos não seguimos estes passos que nos conduzem ao êxito dos empreendimentos. Não cremos nas possibilidades, antes mesmo de se tentar. Fugimos da raia. Abandonamos o campo no primeiro tempo. Desistimos. É como se não existisse qualquer experiência anterior que nos comprovasse as glórias obtidas. Travamos e não reiniciamos. O medo e a descrença são maiores. Porém, se recorrermos às nossas memórias,

detalhadamente, sobre como já superamos situações aparentemente impossíveis, podemos encontrar fôlego e nos motivar a iniciar uma nova conquista. Não há como apagar o que já foi um fato concreto, restando-nos a sua boa utilização para que troquemos o medo pela tentativa e a descrença pela fé. Recorrer às imagens poderosas das realizações é um recurso valioso. Ele está disponível em todos nós. Não é um privilégio de poucos. A imagem criada nos força a agir e a atingir objetivos. Não obstante, temos que tomar o cuidado acerca das imagens negativas que construímos. Elas nos dirigem a sua finalidade também. Se crermos que não será possível conquistar uma determinada coisa, assim procedermos com relação a ela, dificultando de diversas maneiras o seu sucesso. Não nos damos conta a este respeito porque não prestamos atenção. No entanto, temos uma escolha, desde que nos dediquemos a ela. Que escolha desejamos a nós mesmos?

Crer no inacreditável

A contradição deste título reflete a complexidade humana e as inúmeras possibilidades existentes dentro de nós. Não ver ou saber a respeito do que somos capazes limita-nos em exagero. Ainda vivemos a época de ter que enxergar ou tocar para crer, ou pior, nem constatando nos convencemos sobre tanto.

Algumas vezes durante a nossa vida, somos tomados por uma forte sensação de poder interior. Então, nesta fração de tempo, sabemos claramente que há algo superior as nossas percepções e crenças. Entretanto, logo retomamos o lugar comum, esquecendo-nos rapidamente do que nos foi revelado internamente, tal e qual a brasa de uma lenha que dá o seu último estalo e se apaga. Adorável seria, a chama do poder permanecer e nos acompanhar, ainda mais pelo fato de ela nos pertencer.

Todavia, para usufruir tamanho poder requer alguns sacrifícios, dos quais, infelizmente, desejamos manter distância. São eles o conhecimento acerca do muito que somos e do pouco que utilizamos; a concentração, pois que somos dispersos e superficiais em nossos pensamentos; a prática firme e constante da crença neste poder; saber exatamente o que se quer, tendo objetivos claros a respeito, usando o arsenal de técnicas até aqui descritos.

É importante lembrar que construímos tudo o que em nós se apresenta nos dias atuais, e levou tempo para ocorrer tal resultado. Modificar-se, e caminhar em uma nova direção exigirá um prazo também, não tão extenso, contudo necessário, para que se processe a transformação que cada um deseja para si próprio.

Os nossos pensamos, já bem condicionados, lutarão contra, fazendo-nos crer que o que somos é só o que nos é possível ser. De fato, é uma verdade incontestável, caso nos mantenhemos na mesma

posição. Se quisermos ir a alguma direção diferente da que estamos indo, precisará, naturalmente, que modifiquemos o rumo, para então, encontrarmos novos caminhos e resultados. Crer no inacreditável faz parte da nossa jornada. Crer no inacreditável é fazer uma aposta na crença das possibilidades. Crer no inacreditável é dar vida a algo anteriormente morto.

Qual é o nosso valor?

A partir do conhecimento ou do bom senso pode-se compreender como as pessoas arquitetam os valores pelos quais serão cobrados os seus serviços. A vida profissional requer que os valores estejam bem definidos e que sejam condizentes com o que se propõem.

Conforme o dicionário, valor quer dizer: valentia, qualidade que faz estimável alguém ou algo; valia, importância de determinada coisa; preço, legitimidade, validade. E ainda, valorizar, significa: dar valor a, ou aumentar o valor de, reconhecer as qualidades, os méritos de (pessoa, ação, coisa, etc), agir em respeito, e exigir respeito, ao seu valor como pessoa; dar-se valor. Valia, importância, reconhecer as qualidades e os méritos etc, são o suficiente para se formar um valor que deverá ser cobrado em troca de um trabalho que se oferece em troca?

Na maior parte das vezes não. O que ocorre é uma prática de equiparação mercadológica. Procura-se conhecer o valor mais baixo, o mais alto e a média, para que sirva de referência, e então, assim se procede: copiando. Para muitas pessoas estes valores já definidos não alcançam o que elas entendem sobre o valor do que é oferecido. Por esta razão, algumas buscam mais, crescendo dentro das organizações a qual pertencem e obtêm maiores compensações financeiras, ou se projetam no mercado por conta, abrindo as suas próprias empresas. E há, ainda, os profissionais liberais (médicos, advogados, psicólogos etc), que seguem alguns valores estipulados pelas suas entidades de classe (conselhos, sindicatos etc) e outros que adquirem um *status* de fama e reconhecimento (credibilidade) e, portanto, determinam os aumentos de valor a ser cobrado de seus pacientes ou clientes. Assim funciona a formação de valor, via de

regra. Tais fatores são compatíveis com o que realmente vale um profissional? Levando-se em conta a sua formação, dedicação, aperfeiçoamento constante, grau de conhecimento e inteligência desenvolvidos.

Também não, na maioria dos casos. Sabe-se que há uma autorregulação de mercado quanto aos preços que são cobrados, e a política de formação de preços pode variar conforme descrito anteriormente. Não obstante, existe outro fator presente neste cenário acerca dos valores: a percepção interna humana sobre o próprio valor, e que apesar de compreender a autorregulação mercadológica dos preços, é capaz de cobrar mais ou menos.

René Descartes (1596-1650) descreve sobre estimar ou desprezar a nós mesmos em seus artigos 151 e 152 de *As paixões da alma*: “De uma maneira geral, a estima e o desprezo podem dizer respeito a todas as espécies de objetos; mas são dignas de nota quando a aplicamos em nós mesmos, ou seja, quando é nosso próprio mérito que estimamos ou desprezamos”. “Percebo em nós somente uma coisa que possa nos fornecer a justa razão de nos estimarmos, que é a utilização de nosso livre-arbítrio e o domínio que possuímos sobre as nossas vontades; pois é apenas pelas ações que dependem desse livre-arbítrio que podemos com razão ser elogiados ou reprovados”.

Faz-se necessário levar em conta o psiquismo humano. O fato de que os modelos internos ou as idéias que temos sobre si mesmos, desde a infância não são imutáveis. Todavia, eles tendem a ser levados adiante, modelando e definindo as nossas experiências enquanto adultos. Destes valores, pode-se obter a autoestima, que é o sentimento de importância, valor e apreço sobre si mesmo. Vários itens podem colaborar na formação do autoconceito que é construído com o passar dos anos, desde a infância, tal como a discrepância

entre o que a criança gostaria de ser (ou que crê que deveria ser) e aquilo que ela pensa ser. Por exemplo, se a discrepância é alta e a criança se vê como um fracasso, a autoestima será baixa. Outra questão é a sensação geral de apoio que a criança percebe das pessoas que são importantes para ela, como os pais. Se gostam dela como ela é de fato, a tendência é a de apresentar resultados mais elevados de autoestima.

Então, relaciona-se valores a autoestima e ao domínio sobre nós mesmos. Um bom autoconceito acerca de si próprio é capaz de propiciar um bom valor a ser cobrado mediante algum serviço oferecido. Contudo, deve ser bem administrado, através do bom senso, em face de necessidade de controle sobre os exageros a que se está sujeito. Ou seja, somos livres para cobrar qualquer valor, porém, a autovalorização e a autorregulação de mercado merecem ser tratadas com equilíbrio. Do contrário, corre-se o risco de os méritos serem interpretados de forma negativa pelo demérito ou abuso, e, conseqüentemente, dificultar os negócios em virtude da redução de pacientes ou clientes.

O nosso valor, portanto, diz respeito a aceitação de si mesmo, o autoconceito mais real possível, capacidades disponíveis e em desenvolvimento a serem empregadas na solução de problemas ao qual nos prontificamos a resolver, avaliação sobre os valores que o mercado paga, com foco na própria área de atuação, liberdade e controle sobre as ações que temos (formação de preço equilibrada). Estes fatores devem estar presentes quando formamos os valores sobre o que cobraremos por algum trabalho que se ofereça para outra pessoa. O nosso valor está relacionado às questões externas (mercado) e internas, principalmente (autoconhecimento e autoestima). As pessoas compreendem e pagam por um serviço bem realizado, cujo preço demonstra ser justo. O nosso valor é resultado

da dedicação, avaliação e ação do quanto cobramos e ficamos satisfeitos com isso. Valorize-se!

SER para ter

“A felicidade não provém de terdes muito, mas sim, de serdes muito. Pois sendo muito, evidentemente, possuireis tudo o que desejardes”. Com esta frase brilhante de Lourenço Prado, um estudioso do psiquismo e do desenvolvimento humano, pode-se refletir sobre o tipo de objetivo que as pessoas têm ao longo da vida. É possível almejar situações distintas: ter ou SER, e ainda, ambas. Via de regra, boa parte da população deseja ter, coisas de um modo geral. E, para tal, despende-se uma enorme quantidade de energia, haja vista os esforços que são necessários para se concretizar os desejos freqüentes de consumo.

No entanto, quando a pessoa possui conhecimento, experiência e sabedoria, torna a aquisição das coisas em geral, muito mais fáceis. Ou seja, quanto mais somos, em inteligência e aplicabilidade da mesma, melhor planejamos e obtemos os resultados do que pretendemos na vida. E, aqui especialmente, incluem-se outros tipos de aquisição, além dos objetos: amizade, simpatia, adaptação, compreensão, admiração etc. Para tanto, precisamos muito mais SER do que ter.

A medida em que se avança nesta direção, cada qual a sua maneira, faz-se mais portas se abrirem. As pessoas que crescem em SER são percebidas em virtude de sua atmosfera atraente. Assemelham-se a um ímã, cujo magnetismo atrai e prende. Desta forma, o seu jeito diferente de SER cria novas formas de se relacionar e, conseqüentemente, amplia-se as chances de ser mais bem aceito e admirado.

SER é um estado que dá trabalho também, todavia vale qualquer esforço, uma vez que se adquire algo permanente, e não passageiro como os objetos. Assim, tem-se um tesouro que atrai

outras riquezas, com solidez e segurança. Além, é claro, de aumentar o desenvolvimento pessoal, a autoestima, o poder social etc. Deseje as duas condições para si próprio, priorizando o que fundamenta a ordem das coisas: SER para ter.

Somos o que pensamos ser

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. (Gênesis: 1:26)

Os nossos pensamentos têm poderosa força e são eles que colaboram ou não na elevada realização de nossa vida. Para uma mudança mental positiva é necessário extrair o que há de negativo em nossa mente dia após dia, pondo em seu lugar o que há de realmente positivo na construção de verdadeiros objetivos. Confiante que a natureza raramente falha. Os resultados demonstrarão uma mentalidade favorecedora, cuja estrutura foi formada por pensamentos construtivos, podendo assim, plantar o que quiser.

Quando desejamos muito um bem de qualquer espécie nós o adquirimos, levando-se em conta que o profundo e verdadeiro desejo determina a metade desta trajetória a ser percorrida. Querer de verdade e não apenas desejar superficialmente.

Além do desejo, o conhecimento e a observação fazem-se necessários. Nossas capacidades psicológicas vão além do que percebemos e pobremente avaliamos as possibilidades de crescimento. Crê-se que o “destino” limitante é inevitável, dificultando assim, a busca por uma forma de se viver cada vez mais em plenitude.

Muitas pessoas aparentam pesar constante em virtude da mentalidade que se lhes instalou. Observa-se algo de desvalorizante nos comportamentos. Há um estado de eterna fragilidade que aguarda o amparo. Ficar apenas se lamentando da má sorte é sofrer

ainda mais. Esperar pelo milagre é somar frustração ao desespero, diferente de se ter fé para alimentar a perseverança.

Como esperar uma colheita sem ao menos ter plantado? E, pior, usar as sementes da pior qualidade será inevitável colher frutos ruins. É lei da natureza retribuir ao bom plantio com o melhor resultado, indo às vezes além das nossas expectativas.

Necessário se faz, com muita vontade e persistência, deixar o mau hábito de maldizer a tudo, coisa que retarda o desenvolvimento. O ardente desejo de melhorar e o reconhecimento do próprio estado faz parte do trabalho a ser realizado, com a finalidade de trocar o tipo de hábito mental.

É preciso compor novos objetivos à vida, reais e profundos. Aquilo que verdadeiramente toca a essência, no íntimo. Deve-se dedicar muita concentração aos novos passos dados, fazendo um levantamento acerca de tudo o que se pensa, requerendo honestidade e paciência para consigo mesmo. Não é fácil aceitar os próprios erros. Lembrar-se que cada pensamento é parte do todo mental. Logo, será desejável que esta parte integrante seja positiva, é claro!

A meta é transformar o negativo em positivo, alertando que este processo ocorre cotidianamente. Da mesma forma que levou tempo para edificar o negativo, assim também ocorre para o positivo. Contudo, é suficiente iniciar esta verdadeira revolução interna para se obter as primeiras e gratificantes sensações.

A natureza nos é o grande exemplo para a observação: plantio-colheita. Se plantarmos batata, será batata que colheremos, não adiantando se lastimar, tendo, por engano, plantado uma coisa e desejar colher outra. Por exemplo: beterraba. Para tal, plantasse beterraba.

Percebe-se que o terreno mental funciona de forma similar. Se plantarmos o negativo, o colheremos. Plantemos o positivo para uma colheita favorável. Deve-se dar maior concentração a estes pensamentos para que se transformem em hábito.

Caminhar cegamente já ocupou tempo demasiado. Conforme observamos e dirigimos os pensamentos, nós os tornamos parte de nossa personalidade, expressando-a externamente através dos nossos comportamentos ou o jeito de ser.

Cabe ressaltar a importância de se manter em exercício tais atividades, uma vez que a continuidade é quem pode trazer os resultados que tanto se deseja. Pois, não perde a robustez ou porte atlético aquele que não mais se exercita?

Capacidade para superação de problemas e crescimento nos foi dada ao nascer. Eis a justiça das possibilidades que habita nosso interior, dependendo de como e até onde queremos ir, com fé, conhecimento e persistência. Este poder nos foi concedido pelo Criador, o qual nos concedeu vida a sua imagem e semelhança. Somos o que pensamos ser. Portanto, o que desejamos para nós?

Libere a sua motivação

Uma das maneiras de se compreender a motivação é relacioná-la a autonomia do pensamento e da reflexão crítica e conseqüentemente da maior liberdade de ser e agir. Trata-se, afinal, de um processo psicológico que interage com o meio social. Isto é, se o ser humano deposita o desenvolvimento da sua motivação na figura de outrem ou de uma dada circunstância e não a assume como uma responsabilidade pessoal, percebe-se em tal atitude dependência e limitação. Vale ressaltar que nos influenciemos mutuamente ao estimular a motivação. Contudo, ela só se desenvolve por meio da permissão íntima (consciente ou inconsciente), e, portanto, é intransferível por seu caráter particular.

Há três aspectos maléficos que merecem atenção nessa análise: A falta de conhecimento sobre o tema, a herança sócio-histórica acerca da dependência e submissão e a acomodação natural existente em nossa espécie animal. Segue-se então que o antídoto a ser prescrito é composto de saber, libertar e agir.

Quanto mais o homem conhece a si mesmo, tanto maior é a sua chance de evoluir e fazer melhores escolhas durante a vida. Quanto melhor escolher, tanto menor será a sua dependência exterior a questões que lhe são interiores como a motivação. Por conseguinte, conquistará mais independência e interdependência ao formar parcerias motivadoras que prezam o dar e receber com maturidade, equilíbrio e justiça.

Todavia, para alcançar uma dimensão de maior autonomia é essencial que se concentre uma parte dos esforços no rompimento dos elos da corrente histórica que se mantém presente até o momento. A monarquia que ajudou a construir a personalidade e o perfil brasileiros (escravidão, subserviência e passividade profundos)

acabou há considerável tempo, mas as suas articulações psicológicas ainda reinam sobre incontáveis súditos contemporâneos.

O modelo de educação ancestral transmitido permite tal manutenção, estendendo boa parte desta aprendizagem ao Século Vinte e Um. Os pais ou pessoas próximas com as quais mantemos contato desde a infância nos bombardeiam, sem que percebamos (eles próprios sequer fazem idéia), de impressões e convicções que estimulam a dependência e a contenção do uso da motivação, elemento poderoso se bem desperto e direcionado. Eis alguns exemplos usados comumente: – Quando arrumar um emprego não abra a boca. Cuidado com o que você pensa. Manda quem pode, obedece quem tem juízo. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Entre outros. Assim, vestimos máscaras sociais restritivas não apenas em nome da necessidade de sobrevivência, mas, sobretudo, em face da falta de liberdade autoimputada.

Entretanto, sem que se perceba, somos coniventes com tal situação aprisionadora, haja vista ser conveniente não ter de pensar a respeito, pois dá trabalho e nos colocaria cada vez mais frente a um paradigma bastante revelador: Somos responsáveis pelo estado de nossas vidas. Recebemos pelo que fazemos. Deixar por conta da sorte pode resultar miséria. Tais idéias não são inovadoras, elas se encontram claramente expostas na Bíblia Sagrada, em Mateus, 7:7: “Pedi, e dar-se-vos-á, buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á”. Sob tal perspectiva, resta-nos empreender e assumir cada pensamento e ato, e mais, enfrentar as suas conseqüências ao invés de se esconder na sombra de ilusórias justificativas.

É uma situação cômoda. Mas hoje é percebida uma inquietação. Um incômodo revela-se em uma parcela da população, esboçando um importante despertar que demanda transformação. É hora de esforço, de mudança e maior propriedade sobre si. A motivação pode ser

liberada das amarras impostas pela nossa permissão inconsciente se dermos o passo na direção que nos permita ampliar a consciência e desenvolver. É uma decisão singular. Você está disposto?

Os rumos da vida

Não se pode afirmar que as pessoas vivam apenas em razão da alternância entre prazer e desprazer presentes cotidianamente. O ser humano não é uma máquina que se submete mecanicamente aos estímulos que lhe chegam qual um painel de botões que pode ser acionado, e pronto. A coisa não funciona assim, ela é mais complexa. Percebe-se, contudo, que o que está por trás de cada movimento empreendido pelo homem, do simples ao sofisticado, diz respeito à satisfação e insatisfação. Desde o despercebido ato respiratório até o desejo consciente de manter-se evoluindo espiritualmente, os passos dados em cada direção são fruto ora da fuga ao desagrado, ora da busca pelo agrado.

Então, ainda que de forma indireta, o prazer e o desprazer não arredam o pé das decisões que afetam o destino de cada um. Ou seja, eles podem não agir diretamente e até se manterem escondidos no psiquismo, mas, no fundo, dão as cartas na maioria das vezes, causando impactos de origem tanto consciente quanto inconsciente. Há momentos em que sequer se sabe de onde se originou uma dada decisão, gerando surpresa e estranhamento. Porquanto a vida nos faz transitar por estradas asfaltadas e bem conhecidas, e, por vezes, nos leva a picadas tão esquisitas que até Deus duvida.

Logo, é devido considerar que certas mudanças significativas na nossa maneira de viver podem se relacionar a dois fatores: alteração da perspectiva e retomada da perspectiva anterior. No primeiro caso, sofre-se uma mutação na maneira de se enxergar o mundo e então a vida é direcionada a novos horizontes favoráveis ou não. Perder o emprego ou separar-se da pessoa de convívio, por exemplo, pode ser interpretado como algo insuperável e ilimitadamente triste, ou ser experimentado de forma dolorosa, mas superável, e, inclusive,

percebido qual uma brecha de rica oportunidade que se abre. Porém, em ambos os casos, o modo de encarar a vida muda numa sequência inovadora. Nova camiseta é usada no lugar da anterior, que, agora, faz parte apenas do passado.

No segundo caso, não ocorre tal continuação inovadora, é possível que a pessoa resgate o seu antigo jeito de enxergar o mundo. Por razões íntimas, suprimiu-se uma perspectiva e apostou-se noutra, e através desta última caminhou-se convenientemente até esbarrar na sua frustrante insuficiência. Ao invés de inovar mais largamente, reassumimos comodamente uma posição anterior - ainda que esta, suscetível a mudanças também, esteja um pouco diferente daquilo que fora um dia. A velha e ainda mais desbotada camiseta, guardada no fundo da gaveta, volta a ser vestida no presente, no lugar da outra que lhe sucedeu um dia.

Assim, o motor da vida, avançando mais ou menos, às claras ou não, demonstra funcionar por causa do prazer e desprazer relacionados ao que se percebe particularmente do mundo e o que dele se consegue extrair mediante as necessidades e desejos existentes. Portanto, a quem não enxerga tais situações, recomenda-se a necessária reflexão, a fim de ampliar a visão acerca do cenário pessoal e tomar o controle sobre si cada vez mais, além de dar direcionamento mais planejado à vida e possibilidade de colher resultados mais personalizados e menos submissos à sorte.

A motivação que supera os obstáculos

Em algumas ocasiões, o ser humano demonstra possuir uma força de realização bem superior, levando-o a caminhar cotidianamente em busca dos seus sonhos. Antes mesmo de os realizar já sente que é vitorioso e, portanto, caminha confiante na expectativa de que é apenas uma questão de tempo para se chegar no destino traçado por suas idéias e convicções. Vale a pena ilustrar tal afirmação.

O relato a seguir é de um vendedor de consórcio, narrando enfática e seguramente cada palavra acerca de sua história e objetivos de vida: “Eu já trabalhei quatro anos como ajudante de cozinha e um ano e meio como garçom. Já carpi em roça de milho e colhi café durante algum tempo. Na minha infância, ouvi outras crianças falarem: “Esta camiseta que você está vestindo já foi minha. Hoje sou um ótimo aluno do colegial e faço cursinho para prestar o vestibular de uma universidade do governo. Farei uma poupança para me sustentar durante o período de faculdade até conseguir a ajuda da bolsa-pesquisa. Depois faço o meu currículo e levo para uma firma multinacional. As adversidades da vida me fazem ir para frente, quanto mais difícil melhor. Tenho vinte e dois anos.”

Neste caso os obstáculos que a vida oferece se torna a força motivadora que impulsiona ao sucesso. As bases motivacionais presentes neste jovem, desde bem pequeno, são o orgulho sobre si mesmo – sair de uma condição inferior social e alçar vôos ousados na conquista de novos horizontes e aproximar-se do sucesso. Outra forma de orgulho é saber que o seu pai descreve as façanhas de crescimento do filho para os seus conhecidos. Tais fatores são valiosos o suficiente para que o dia-a-dia seja alimentado com esta excepcional força de vontade.

Casos similares são descritos em biografias de pessoas que acreditaram em seu sucesso. Puseram na cabeça a idéia de alcançar determinado objetivo e lá chegaram.

Objetivos, métodos e persistência levam o ser humano aos lugares mais diferentes e aparentemente impossíveis. A vontade é o elemento que faz a pessoa caminhar sob sol ou chuva e os reveses diários. Santo Agostinho (354–430), grande pensador, escreveu: “De todas as faculdades da alma, a mais importante é a vontade, intervindo em todos os atos do espírito e constituindo o centro da personalidade humana”.

Ao final, relata o jovem vendedor: “Não sei porque estou aqui contando a minha vida, mas sempre tem uma razão de ser”. Esta razão, eu completo aqui, é a de compartilhar a rica experiência, com a finalidade de se conhecer o quanto o homem pode realizar desde que creia, queira e lute. Antes mesmo de se atingir qualquer objetivo já se venceu com a caminhada que leva até ele, pois a vida é feita de sonhos, altos e baixos, fracassos e vitórias. Viver então é vencer os obstáculos dia após dia. Vença!

O autoengano sobre a ética

A compreensão sobre o necessário convívio ético existe há muito tempo, haja vista o número de registros a respeito, sobretudo aqueles que serviram de guia para o comportamento de diferentes fieis religiosos, tanto no oriente quanto no ocidente. Ressaltem-se ainda os pensadores que propuseram conceitos e orientações sobre ética, moral e justiça: Hesíodo (há 2.700 anos), Sócrates, Platão, Aristóteles, Confúcio, Cícero, Tomás de Aquino, Kant, dentre outros. Vale lembrar também das leis reguladoras estabelecidas nas sociedades. Assim, através da religião, da filosofia ou da aplicação prática jurídica, o homem teve à sua disposição o amparo do saber ético ou a submissão moral como bússolas para a sua caminhada social e, notadamente, evolutiva.

Logo, do ponto de vista do saber e da experiência, há conteúdo de sobra na escola histórica que tenta formar pessoas de caráter com o propósito de balancear interesse pessoal e coletivo, ainda que se considere o baixo nível de consciência presente na escala de desenvolvimento do ser humano, sem, contudo, ignorar o autoengano, elemento primitivo do processo psíquico cujo objetivo é transformar fatos reais dolorosos em tranquilizadoras, porém distorcidas percepções, a fim de entorpecer o mal-estar decorrente do conflito interior estabelecido entre saber o que é certo e o agir no sentido contrário. Em outras palavras, aquele que comete uma injustiça, pode, autoiludidamente, ajustar a sua compreensão a respeito, dando-lhe um revestimento fictício mais aceitável psicologicamente. O pesado chumbo ganha leveza e nova coloração rósea através da artimanha inconsciente. O erro passa a ser considerado acerto. É o autoengano sobre a ética.

Entretanto, o que deveria ser breve, enraíza-se. O sistema psíquico defensivo considera a realidade um inimigo perigoso e mantém seu escudo erguido por tempo indefinido ao invés de apenas agir temporariamente. A ignorância supera o fato e impede o desenvolvimento. A escuridão serve como esconderijo, mas dificulta o acesso à luz. A cegueira reina achando-se o clarão do reinado.

O autoengano se processa por via inconsciente, levando o seu autor a crer na mentira maquiada de realismo construída no subsolo do seu psiquismo, aliviando-lhe o pesar e a dor causados pelos erros cometidos, os quais podem atormentar-lhe brutalmente se enxergados em níveis de maior consciência. É doloroso crescer, e assim torna-se tentador manter-se na infância, ou explicando melhor, no primitivismo da curva de crescimento da espécie. Mas o que também não se enxerga é o que está mais além: o ganho que se obtém. Pudera antever o benefício a que tem direito, o homem mudaria radicalmente a sua postura ante o progresso que tanto evita. Tal como o cientista que crê nas suas hipóteses e trabalha arduamente, torna-se recompensador o êxito alcançado, mesmo que se tenha pisado em terreno desconhecido durante longo período da penosa jornada. Mas é somente pela reflexão que se pode ampliar a consciência sobre a ética.

Ignorância emocional e injustiça

Não é novidade tratar sobre a justiça. Ela foi tema de consideráveis discussões filosóficas através de Hesíodo, Sócrates, Platão e Aristóteles, pensadores precedentes à era cristã, iniciada com o alto pedido de alteração do “Olho por olho, dente por dente”, do antigo e enraizado Velho Testamento, pelo “Faça ao seu semelhante aquilo que deseja para si”, de Jesus. Ou ainda, por meio das afirmações contidas no Corão, livro Sagrado dos muçulmanos: “Aquele que fizer um bem, quer seja de um peso de um átomo, vê-lo-á. E aquele que fizer um mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á”. Posteriormente, outros pensadores também se lançaram à reflexão do assunto. Ou seja, sempre se considerou, com relevância, a ponderação acerca da conduta humana na convivência social, associando-se a tal empreendimento, a elaboração e aplicação das leis reguladoras. No entanto, por que tal informação soa irrelevante se nos deparamos frequentemente com a injustiça? De que adianta assoprar a pequena brasa em meio ao monte de cinzas?

Corrupção, comportamentos injustos e aflição atestam inequivocamente o atrasado grau de desenvolvimento humano. Causas variadas são sugeridas como forma de se avaliar as razões que originam tal fenômeno: safadeza, ausência da estrutura familiar e da educação na formação de algumas pessoas, impunidade, exemplos de má conduta sobrevivendo de figuras representativas da sociedade, miséria, baixa distribuição de renda etc.

Não se analisa, entretanto, com o devido mérito, a ignorância emocional representada através da deformidade redundante da rala formação da empatia, cujo propósito é o de levar a pessoa a se colocar sensivelmente no lugar da outra, podendo, então, agir mediante o que sente em si próprio, valendo-se da autorreferência

como medida para os seus atos. Assim, como alguém que pouco desenvolveu em si a empatia pode considerar o sofrimento alheio? De que maneira é possível oferecer aquilo que não se encontra disponível à altura da necessidade?

Por outro lado, não se trata aqui, de evitar a aplicação da justiça. Decerto que não. Que a mesma seja cumprida. A reflexão, porém, diz respeito à causa que antecede o efeito, pois a qualidade do diagnóstico leva à prescrição mais adequada do tratamento.

Considerem-se as doenças psicológicas cuja frieza afetiva é o sintoma central nos relacionamentos, as agressões sofridas desde a infância e outros aspectos causais já mencionados, para então avaliar alguns comportamentos injustos. Mais: não se dê por satisfeito em relação à análise. Vá mais longe, tente se colocar nas condições a que é submetido um punhado de gente. Use a sua empatia e a capacidade de julgar além das aparências. (Ou lute para alcançar tal condição.) Isto é, revele-se verdadeiramente empático e justo ao apreciar cada caso que se lhe apresentar, e não fique refém da superficialidade e do preconceito. Desperte, exercite e aperfeiçoe os atributos psíquicos disponíveis a favor do bem comum. Seja justo!

Vítima ou responsável?

Em uma breve conversa com o vigia de uma instituição, compreendi a sua abrangente visão sobre o sofrimento a que são submetidas as pessoas ao longo da vida. Ele iniciou o diálogo dizendo que sentia dores pelo corpo, e tal fato se devia aos excessos cometidos desde a sua infância, e que, portanto, pagava hoje pelo que havia feito ontem. Ele assumia calmamente a responsabilidade de seus atos. Acrescentou que não tinha dó das pessoas quando as via sofrer porque, segundo o que observou durante anos, tais aflições diz respeito ao que cada um tem de pagar pelas coisas feitas. E finalizou, argumentando: “Deus não castiga a gente. A gente é que se castiga pelo que faz”.

Em tão pouco tempo o vigia sintetizou os seus pensamentos, adquiridos de modo reflexivo. Ali, em minutos, ele apresentou tamanho conhecimento, profundo e consciente de tudo o que descrevia a respeito dos tormentos experimentados pelo ser humano. Em silêncio, formulei uma questão: Afinal, somos vítimas da circunstância ou responsáveis por ela? Sofremos por acaso ou merecemos tal situação? (pelo menos, boa parte dela?!).

Pois bem, a ideia acerca dos erros cometidos e do consequente pagamento pela dívida contraída também foi apreciada por outros pensadores. Michel de Montaigne (1533-1592), filósofo francês, expôs: “Tal o efeito maravilhoso e irresistível da consciência, obriga-nos a nos denunciarmos, a combatermo-nos a nós mesmos e, na ausência de outra testemunha, depõe contra nós: servindo ela própria de carrasco e fustigando-nos com látego invisível. O mal recai em quem o faz”. E anteriormente, na Grécia, Epicuro (341-270 a.C.), citado por Montaigne, apontou: “O mau não tem onde se esconder, porque não tem certeza de estar escondido, pois que a sua

consciência o denuncia a si próprio: o primeiro castigo do culpado está em não poder absolver-se a seus próprios olhos”. A responsabilidade pelos atos é ponto comum encontrado em algumas ideias convergentes. Por conseguinte, concluo, felizmente, e para a nossa sorte, que a filosofia pode estar presente em qualquer época e em qualquer lugar!

Logo, é momento de pensar honesta e claramente a respeito e se autoavaliar, verificando os atos cometidos e sofridos, especialmente se há encadeamento (ação e reação), independentemente do tempo entre um fato e outro, pois na natureza as coisas têm o seu tempo de se manifestar. Não é assim para se colher os frutos daquilo que se plantou? E ainda, na sequência de tal meditação, sofrer para reparar algo indevido deve ter um objetivo, tal como foi percebido por Sócrates (470-399 a.C.): “O castigo nos deixa mais prudentes e justos, atuando a justiça como a medicina da maldade”.

Quem sabe não seja justo pagar por algo considerado injusto (aparentemente), uma forma de ampliar a nossa consciência e nos fazer evitar a repetição de tantos erros, levando-nos a tomar decisões mais justas com a devida responsabilidade de quem antevê (naturalmente) o que se sucederá no porvir?

A inteligência emocional e a justiça

Uma condição essencial ao autoconhecimento é o desenvolvimento da inteligência emocional. É preciso conhecer mais a respeito das emoções e das suas possibilidades colaboradoras, principalmente no que diz respeito a sua ação conjunta à justiça. Tomemos contato com as emoções, cuja serventia pode ser identificada através do estudo realizado por Daniel Goleman: (1) raiva: com a aceleração do batimento cardíaco e a secreção de alguns hormônios, em destaque a adrenalina, gera-se uma pulsação e energia para agir vigorosamente mediante uma dada necessidade; (2) amor: estimula a aceitação, amizade, confiança, afinidade, adoração, paixão; (3) tristeza: põe a pessoa em contato consigo mesma, estimulando-a à autoavaliação de questões internas, a fim de encontrar soluções aos vários problemas psíquicos existentes; (4) vergonha: relaciona-se a culpa, vexame, remorso, arrependimento.

Logo, compreende-se que as emoções também dizem respeito às questões morais e éticas, e, conseqüentemente, aos nossos comportamentos. Emoção e moral devem caminhar de mãos dadas. Quantas atitudes (boas e ruins) são tomadas baseadas tanto na compreensão que se tem da justiça quanto pelo ímpeto do momento. Conforme uma se sobrepuja a outra (considerando-se o controle que se possui sobre as emoções), obtém-se um determinado resultado. Ou seja, caso a consciência acerca da justiça se faça imperativa em um dado momento de decisão, com o adequado recuo das emoções, é possível causar e obter efeitos recompensadores. Todavia, se as emoções se apossam da circunstância, certamente os resultados serão diferentes. É claro que há ocasiões em que certa dose de emoção é crucial para se decidir e sair da apatia, alcançando efeitos desejáveis. Cada situação deve ser avaliada e, com a devida

prudência, empreender a ação que considerará a dosagem mais adequada entre moral e emoção. Porém, para se chegar a esse ponto, requer-se uma boa exploração acerca de si mesmo, através do autoconhecimento e o exercício do controle emocional ao longo dos anos. Conhecer, compreender e praticar.

Quantas vezes o ser humano age por impulso, quase que exclusivamente, e, depois de algum tempo, pode se arrepender pelo tipo de resultado que causou tanto para quem sofreu uma possível injustiça quanto para si próprio, cuja culpa pode perseguir por tempo indeterminado, ou até que se busque a redenção através de algum pedido de desculpa e reaproximação. É útil lembrar que para cada causa gerada, consciente ou inconsciente, de forma calma ou explosiva, decorrerão efeitos, cedo ou tarde. Há ocasiões em que agimos mais justamente e, em outras, nem tanto. Assim, desenvolver a inteligência emocional é uma tarefa para o crescimento, cujo objetivo é alcançar patamares mais elevados de consciência e atuação relacionadas à justiça. Criar melhores condições de controle sobre as emoções é crucial, especialmente nos casos em que a raiva se apossa por tempo indeterminado.

Perdoar, por conseguinte, é uma condição presente na gestão pessoal das emoções. Quando permanecemos rancorosos em relação a outrem são acionadas as emoções pertinentes a esse rancor. E, por tal razão, nos desgastamos tanto ao não perdoar o outro quanto ao não perdoar a si mesmo, haja vista o perdão partir de dentro para fora para que ocorra legitimamente, e não da boca para fora. Outro ponto é o fato de que, ao não perdoar julgamos o outro imperdoável. A partir desta noção, criamos dificuldade para perdoar a nossas próprias injustiças, visto nos encontrarmos irreduzíveis de acordo com a nossa crença. (Entretanto, não custa lembrar: todos nós cometemos injustiça!) A flexibilidade, o respeito e o perdão podem modificar tal cenário e libertar o que se prendeu internamente

(rancor) a fim de equilibrar a atuação da justiça e permitir o desenvolvimento.

Logo, podemos nos inquietar por surgirem algumas perguntas: Faço mal a mim mesmo ao não perdoar? Sou justo com o outro por tal decisão? Sou justo comigo mesmo agindo assim? Tal como o padre Antônio Vieira (1608-1697) afirmou: “Quando perdoamos as ofensas que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das ofensas que temos feito a Deus. Com razão disse o santo: Homem, entende porque isto parece que se não pode entender. Dar perdão de pecados é jurisdição ou regalia somente de Deus: Logo, como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus pecados? Funda-se esta sentença naquela promessa de Cristo: ‘Dimittite, et dimittemini’ (Lc 6, 37): ‘Perdoai, e sereis perdoados’. - E como esta promessa é condicional, e a condição depende de mim, quando eu cumpro a condição eu sou o que me perdôo.”

Porém, deve-se considerar a empatia nesta análise. De acordo com Goleman: “A empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio. Essa capacidade – de saber como o outro sente – entra em jogo em vários aspectos da vida, quer nas práticas comerciais, na administração, no namoro e na paternidade, no sermos piedosos e na ação política. A falta de empatia é também reveladora. Nota-se em criminosos psicopatas, estupradores e molestadores de crianças. A atitude empática empenha-se interminavelmente em julgamentos morais, pois os dilemas morais envolvem vítimas potenciais. [...] As raízes da ética estão na empatia, pois é o sentir empatia com as vítimas potenciais – alguém que sofre, que está em perigo, ou que passa privação, digamos – e, portanto, partilhar da sua aflição que leva as pessoas a agirem para ajudá-las”. E ainda: “a própria

capacidade de afeto empático, de colocar-se no lugar de outra pessoa, leva as pessoas a seguir certos princípios morais.”

A empatia é, por conseguinte, uma capacidade que deve ser observada com interesse e o seu desenvolvimento torna-se crucial à obtenção de ações focalizadas na justiça. Logo, em tal análise inclui-se a formação da empatia na criança. Pois, desde bem cedo ela pode estar presente, haja vista ser percebido, através de pesquisas, que, por exemplo, a criança de um ano tenta consolar outro que chora, ao lhe oferecer um brinquedo. E, ressalte-se: “No fim da infância, surgem os mais elevados níveis de empatia, pois as crianças são capazes de entender a aflição que está além de um acontecimento específico e constatar que a condição ou posição de alguém na vida pode ser um motivo de aflição permanente.”

Compreensões sobre questões grupais (pobreza, opressão ou marginalização) podem reforçar convicções morais, cuja base está no desejo de aliviar o infortúnio e a injustiça. Já experimentou isso? É mais um aspecto importante para o melhor desenvolvimento acerca da justiça. Pergunte-se: eu me conheço? Sei perdoar? Perdoo-me? Quão justo eu sou, de fato, tanto para com os outros quanto para comigo mesmo? O que disso resulta no convívio social?

A Era da Reflexão

É comum ouvir muitas pessoas dizerem: Se tem que pensar então não quero! Ou ainda: Pensar cansa. Há uma rejeição vigorosa e sistemática frente à condição de ter de se fazer uso do pensamento, que quer dizer: Faculdade de pensar logicamente ou poder de formular conceitos. E, em nível mais exigente, fazer uso da reflexão, cujo significado é: Volta da consciência, do espírito, sobre si mesmo, para exame de seu próprio conteúdo, ou ponderação. É reconhecido que pensar e refletir dão trabalho e o repúdio existente ancora-se na acomodação daquele que prefere o atalho ao caminho mais longo. Mas nem sempre a economia gera bom resultado, especialmente no campo das ideias. Comprovadamente, quem pensa pouco sobre os problemas tende a sofrer mais. Ou pode-se usar a frase popular: Quando a cabeça não funciona, o corpo padece.

A questão, no entanto, é que embora exista um movimento contrário ao de se fazer uso dos recursos próprios, de cuja prática atinge-se cada vez mais o desenvolvimento, há períodos na vida em que não há opção além de o homem ser forçado a pensar e, quiçá, refletir. Nem sempre é possível esconder-se da necessidade vital de se analisar e ponderar sobre determinado assunto, a exemplo da própria sobrevivência. Pois bem, é exatamente acerca de tal aspecto que me refiro ao propor o título deste texto: A Era da Reflexão, haja vista convivermos com situações difíceis e progressivas tais como o uso indiscriminado da água doce; as perspectivas do declínio energético; a corrupção instalada na sociedade; desajustes psíquicos de larga escala etc.

Se, de alguns anos para cá fomos envolvidos pelo que se designou Era da Informação, dentro em breve será cultuado, com o devido mérito, o período que será marcado pela atividade reflexiva.

Não será possível ultrapassar tamanhos obstáculos a não ser por vias do pensamento e da reflexão. Logo, a acomodação cederá lugar ao trabalho mental em níveis mais complexos. (Pelo menos, boa parte da população ousará desafiar-se em tal empreendimento.)

Julgo prudente tratar, ainda que em poucas linhas, as questões aqui lançadas. Considere-se a água doce, que, além de ser usada de forma descontrolada, sofre com a sua poluição por incontáveis vezes. A escassez poderá atingir o ser humano de modo essencial pela dependência direta deste recurso. Deve-se compreender que a água também pode afetar a produção agrícola, tal como ficou demonstrado no estudo realizado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos no começo da década. Não há sustentabilidade que se estabeleça com o mau uso da água.

Vale a pena também adentrar no terreno da energia, notadamente o petróleo, pois, embora muita gente saiba da sua condição não-renovável, há aquele que sequer faz ideia de tal finitude. Especialistas divergem a respeito, mas a compreensão que se tem indica que existe o crescimento da exploração até se atingir o auge (na metade de sua capacidade) e em seguida ocorre o declínio lento, até escassear. O que se deve ponderar atualmente, portanto, não é exatamente o fim desta energia, mas a redução natural (a natureza não se engana) da sua exploração frente a crescente demanda mundial. A China cresce a taxas exorbitantes na aquisição de veículos, por exemplo. Há países que dependem vital e estrategicamente desta forma de energia e farão qualquer coisa mediante algum tipo de risco que se fizer presente.

Não obstante, outra prioridade a ser observada é o alto índice de corrupção ao redor do planeta. As propinas e os esquemas políticos e empresariais não destroem apenas a ordem social, eles difundem a ideia de que a única forma de agir é esta. Ainda que seja

uma falsa crença (muito bem instalada com o passar dos anos), para modificar o cenário não bastarão só políticas mais rígidas, conhecimento e boa vontade, urge considerar a paciência, peça-chave em tal transformação. Levará um considerável tempo! Todavia, quanto mais se demorar a tomar uma rota mais justa, tanto mais difícil será a mudança. Soa óbvio, mas não é percebido desta forma.

E, para encerrar a nossa apreciação sobre os problemas de abrangência mundial aqui apontados, acrescento os desajustes psíquicos. E não foi por acaso que os coloquei por último nesta pequena mas potente lista de itens para a reflexão. Voltar-se para si mesmo será imperioso doravante, a fim de se obter maior autoconhecimento. (Conhece-te a ti mesmo é uma expressão atual, embora a sua origem remonte a Grécia antiga, particularmente relacionada ao sábio Sócrates e o Oráculo de Delfos.) Esta é uma maneira adequada de encontrar melhor ajuste diante de gigantescas transformações e crises, tanto pessoais quanto coletivas. Pedir ajuda especializada, cada vez mais, também comporá o mosaico que retratará o desenho da retomada do equilíbrio mais amplo. Sempre nos depararemos com o desequilíbrio (elemento necessário ao desenvolvimento), porém, há períodos em que o descontrole supera a capacidade de regulação, exigindo, por conseguinte, maior esforço por parte da reflexão e dos seus relevantes resultados. É oportuno indicar ainda, que quanto mais bem resolvido se encontrar o psiquismo através do autoconhecimento, autonomia e bom senso (todos desenvolvidos de forma particular), tanto melhor se encontrará o campo psicológico para receber as sementes do pensamento e da reflexão, para que, conforme a qualidade do que se semeou possa ser colhido abundante e generosamente. É, com efeito, o que se chama de recompensa incalculável. É, por força de tal empreendimento, que poderá se chamar, com justiça, de Era da Reflexão.

Manipulados pelo inconsciente

Cremos no controle das coisas e assim nos sentimos superiores. No entanto, tal crença nasce na vaidade e apenas nos mantêm cegos e morosos a respeito da longa jornada rumo à consciência e ao verdadeiro autodomínio.

Quando Freud (1856-1939) expôs ao mundo o inconsciente e o descontrole existente no homem sobre a sua própria vida, atingiu um sem número de pessoas, abrindo-lhes feridas em razão de o seu orgulho lhes ditar exatamente o contrário. Ter propriedade sobre si é uma das poucas compreensões que permite ao ser humano escolher, e por tal fato, mostrar-se diferente e elevado sobre os outros animais.

Olhar para si e se enxergar sem tal controle pode ser um golpe duro. Porém, há consequências favorecedoras ao autodesenvolvimento, caso a honesta autoavaliação se torne o ponto de partida para novas e frutíferas reflexões que levem o indivíduo à evolução de sua atrasada e obscurecida condição, causada pela miopia acerca de si mesmo. Nas obras freudianas lê-se que *o inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente...*. Não obstante, tal informação pode ainda se transformar em alvo de ridicularização e ser colocada no campo do esquecimento. Aliás, foi exatamente o que aconteceu para muita gente que se chocou com inusitadas afirmações. E assim ainda ocorre nos dias atuais.

Carl Jung (1875-1961) divergiu de Freud ao propor a sua ideia sobre o “inconsciente coletivo”, cuja definição é: *Todo e qualquer conteúdo psíquico que não seja algo próprio de um só indivíduo mas de muitos indivíduos ao mesmo tempo, isto é, de uma sociedade, de*

um povo – ou da própria humanidade (ideias de Deus, moral, pátria etc). E ainda acrescentou: *Você confia em seu inconsciente como se ele fosse um pai amoroso. Mas ele é natureza, e não pode ser usado como se fosse um ser humano digno de confiança. Ele é não-humano e necessita da mente humana para funcionar proveitosamente para os propósitos do homem.* Somos manipulados pelo inconsciente, nossa porção desconhecida que deseja satisfazer questões profundas e primitivas, por vezes insensatas. Desconhecemos várias de nossas segundas intenções, mesmo as pessoas mais espertas e experimentadas. A propósito, quanto maior a vaidade, tanto mais difícil se torna a compreensão e a possível e consequente busca pela consciência.

Ao observar as sociedades modernas vê-se com clareza o nível de inconsciência existente na maioria de sua população, incluindo todas as classes sociais, formação educacional, credo e raça. Portanto, é uma condição generalizada. Tal convivência social prova-se suficiente e ultrapassa a amesquinhada explicação sobre as diferenças existentes entre as pessoas, cuja tentativa é a de reduzir e encobrir uma de suas principais deficiências: o lado inconsciente do homem. Alguns exemplos podem ser avaliados:

Amor no convívio conjugal (aproximação inicial entre as pessoas baseada na atração fisiológica e a sua difícil manutenção com o passar do tempo pela natural redução de descargas hormonais, sem, contudo, descartar a provável existência e o desenvolvimento de uma pequena fração amorosa).

Convívio familiar (filhos indesejados e inevitavelmente aceitos por diversas razões justificáveis por seu teor social; dificuldades de relacionamento com os filhos e vice-versa, causando mal-estar permanente, com intervalos de amor, afetividade e apego, originados na convivência, amadurecimento e no autoconvencimento a respeito

da moral e da religião autoimpostos; gostar mais de um filho do que de outro e negar a si mesmo tal preferência).

Carreira profissional ("escolha" de um determinado curso ou tipo de trabalho evitando considerar a possibilidade de ser o único disponível ou o mais acessível em razão de incapacidade, imposição social, indolência ou acomodação - resulta, via de regra, em desprazer).

Conduta moral (ser de um jeito em razão de a maioria sê-lo sem suspeitar que a massa pode tombar por escolhas profundamente erradas).

Altruísmo (ajudar aos outros negando o egoísmo natural sobre a ajuda que proporciona a si próprio primeiramente).

Enriquecimento (conquistar bens materiais e posição social negando o uso da referência da pobreza comparativamente e desejar manter tal quadro para não perder o valoroso lugar ocupado).

Bondade (amplificar o sentimento de generosidade por pequenas ações e minimizar a percepção da maldade desejada ou praticada aos outros; queremos ser divinos apenas omitindo o profano).

Genialidade (achar-se especial por algumas percepções inteligentes sem se considerar os inúmeros erros cometidos, embora eles façam parte da aprendizagem e sejam comumente negados pelo inadequado sentimento de vergonha e da emoção causada pelo medo).

Inveja (falar mal, provocar ou odiar outrem de maneira injustificada e, contudo, alegar se fazer justiça).

Guerra (justificar um determinado ataque em nome da própria defesa, do patriotismo, do crescimento etc, sem observar o

sentimento de poder e o espectro endeusador presentes, além do prazer de destruir).

Logo, quantas vezes já nos perguntamos sobre as razões que nos levam a sentir e agir de modo tão estranho em tantas ocasiões? Que respostas nós obtivemos? Será que perguntamos a nós mesmos ou ao acaso? Investigamos com a persistência necessária ou logo abandonamos a questão?

Pretendemos fazer escolhas sobre cada pensamento e ato pessoais, crendo profunda e seguramente que o empreendemos com o devido controle. Entretanto, somos manipulados pelo inconsciente. Boa parte das coisas que fazemos embasa-se em tal descontrole, e, logo, não é possível agir com maior justiça, autonomia e acerto. Somos ironicamente livres para errar e aprender, mas prisioneiros da cela construída pelo inconsciente. Enquanto formos escravos de nós mesmos pela falta de compreensão a respeito e pela necessária apropriação gradativa da consciência a que temos direito, estaremos acorrentados aos grilhões da incompreensão do que somos verdadeiramente, e assim avançaremos milimetricamente em vez de dar passos mais largos, ousados e evolutivos de maneira altamente recompensadora.

A luta pela transcendência no eixo inconsciência-consciência é um objetivo comum e deve ser observado com relevância e foco prioritário entre as ações de evolução humana pretendidas. Dentre as contribuições oferecidas por Jung, é possível destacar a sua afirmação: *Quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando, conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, suscetível e pessoal do eu... .*

É sobre tal possibilidade que repousa a chance de o ser humano melhorar e avançar na sua jornada pessoal e comunitária. Crer que há domínio em terrenos desconhecidos é ilusão vaidosa que dificulta o acesso ao desenvolvimento e maior propriedade sobre a vida. Em determinado momento das experiências cotidianas, ao levantar o véu da inconsciência através da vontade, reflexão e autoconhecimento decorrente, é possível tomar as rédeas do destino com maior controle e consciência.

Meio e fim

A razão confere ao ser humano a capacidade de escolha frente às possibilidades que a vida oferece. Porquanto o homem pode optar ao invés de se submeter, se assim lhe interessar. Por tal condição, ele avançou aos estágios tecnológicos tão apreciáveis atualmente, além de estimular a sua continuidade indo em direção ao que a imaginação e a realização permitirem no futuro. Então, do ponto de vista da preservação da espécie e do aperfeiçoamento, fins estabelecidos o inspiraram na jornada evolutiva. E, para atingir cada fim pretendido, demandou-se a criação dos respectivos meios. Mas ocorreu uma séria incompreensão, levando-o a trocar o fim pelo meio. Mais: a troca revestiu-se de verdade inquestionável e absoluta. Diz-se, sem pestanejar: “É assim mesmo!” Medo de eventual revisão?

Com o desenvolvimento da sociedade, novos interesses ganharam espaço na vida comum, incluindo-se, notadamente, a posição social que tantos aspiram atingir. A partir dessa perspectiva, os meios que deveriam servir para se alcançar a sobrevivência, mesclaram-se com o *status quo*, e, em vários casos, resultou o exagero. Por exemplo, a moradia (meio) para a proteção (fim) pessoal e familiar, tornou-se a finalidade em si mesma, haja vista muitas pessoas se predisporem mais a conquistá-la para a satisfação das aparências sociais do que propriamente para a sua segurança – ainda que não se perceba –, pois as dimensões arquitetônicas e os padrões de luxo servem, consideravelmente, de modo estatisticamente comprovado, para atrair o perigo do roubo e, nos casos extremos, da morte.

Entretanto, o autoengano faz o seu autor alegar que só se quer maior conforto e segurança, e que, infelizmente, alguns assim não o permitem. Porém, equivale dizer que há efeito sem causa. Reação

sem ação. É prudente lembrar que quem pretende chamar a atenção da sociedade para a sua abundância, atrai não apenas àquele do seu interesse, mas a outros cujo objetivo é perigosamente distinto... Ainda: verifica-se que mesmo que a troca do fim pelo meio salte aos olhos, a cegueira causada pela autoilusão impede de se observar criticamente tal equívoco, e faz, ainda, concluir-se, de forma imperativa, que morar modestamente é pouco, e que a riqueza simboliza inteligência superior. Será mesmo?

Portanto, ao invés de tentar reduzir as chances de sofrer os perigos através da ponderação e da modéstia, age-se contrariamente à lógica da segurança, erguendo enorme chamariz por meio da irrefletida necessidade da opulência. Não se aprecia sequer que houve uma alteração do fim pelo meio, e que a simples sobrevivência foi engolida pela complexa dimensão da aparência e da satisfação acerca da localização na pirâmide social. Não é arriscado demais?

É claro que há lugares ao redor do mundo onde a segurança se mostra melhor instalada. Não obstante, inexiste a garantia de que se perpetue tal proteção, pois o descuido é filho da acomodação, e somos sempre tentados a tal relaxamento. E mesmo nos casos em que aparentemente a segurança encontra-se em alta, a realidade impõe-se inexorável. Logo, emerge uma pergunta: Nas atuais condições sociais, não se anda na contramão do bom senso ao mostrar grandeza (e gastar com ela) e se expor tão abertamente?

Toda prisão tem uma porta

A porta de entrada da prisão pode ser também o acesso à saída. Quem por ela entra um dia, noutro pode sair. Ou não. Na maioria das vezes, permanecer preso é uma circunstância pesada e desanimadora. Desde há muito tempo, o ser humano se depara com a detenção, maneira encontrada para conter as ideias e os comportamentos indesejáveis socialmente num dado período da história. Para que a convivência prosseguisse nas diferentes sociedades, foi preciso estabelecer o controle para a contenção daquele que se opõe às regras do jogo cujas cartas são dadas por uns poucos que pretendem conduzir muitos outros. Revela-se, pois, o primitivismo no qual o homem ainda se encontra no gráfico da evolução.

Não obstante, é possível analisar a prisão de outro modo, considerando-se não apenas a dimensão física, mas a psicológica também. Somos prisioneiros das nossas crenças que se formam desde a infância. As experiências são rica fonte de informação que culminam nas convicções pessoais, que podem, por conseguinte, permanecer conosco por tempo indeterminado, ou mudarem, cedendo espaço a outras mais convenientes. Até um período da vida, podemos crer numa dada ideia, a partir dali, por razões variadas, ela pode enfraquecer e perder o seu sentido original. As novidades ganham terreno em razão de recentes e íntimas conclusões. O que era verdade absoluta numa época deixa de sê-lo noutra.

Para exemplificar o aprisionamento psíquico a que nos submetemos (sem a devida percepção), vale a pena destacar, dentre incontáveis outros aspectos, a submissão e passividade ante os indecentes acontecimentos políticos, cuja empobrecida justificativa tenta alegar falta de poder sobre a questão: "O que é que se pode

fazer sem força?” Por acaso a população se esquece de que foi justamente a sua força e poder que elegeram cada político como seu representante? Afinal, que paredes aprisionam o cidadão, impedindo-o de organizar movimentos moralizadores de cobrança ou análises criteriosas que impeçam o acesso de velhas raposas aos locais onde somente o bem-comum deve prevalecer? Autoengano e acomodação?

Logo, se nos trancafiamos numa espécie de prisão da qual nos parece impossível sair, é preciso rever a situação através da autoavaliação séria, profunda e frequente. A mesma porta que deu acesso a tal infortúnio encarcerador deverá servir como passagem à necessária libertação. Toda prisão tem uma porta. Eis o ponto de partida da reflexão libertadora que pode colaborar com as essenciais transformações de carácter pessoal e social. Manter-se alheio a si mesmo é ignorar que se pode ir além com maior autonomia e poder advindos da consciência sobre a intervenção que molda cada passo no avanço das relações sociais. Assim, pergunta-se: se lhe é possível forjar a chave da prisão psicológica que o prende ao desconhecimento e atraso, que razões o impedem de conquistar conhecimento, maturidade e liberdade?

Todos os ovos na mesma cesta

É tudo ou nada. É pegar ou largar. Como seres humanos, tendemos ao radicalismo na hora de satisfazer os desejos pessoais e atingir graus máximos de prazer. Somos assim não porque escolhemos conscientemente, de modo planejado. Está longe, ainda, tal raciocínio, embora as experiências se repitam e, ainda que dolorosas, de pouco adiantam para nos demover dos desatinos que cometemos em nome da felicidade. Atiramos-nos às águas mais profundas quando estas nos dão o menor sinal de garantia a respeito da satisfação. Então, investimos muitíssimo de nós nas relações amorosas, qual uma aposta, para em seguida nos deleitarmos com a decisão e sofrer igualmente com a possibilidade da perda. Esperança e temor formam uma combinação explosiva. É oito ou oitenta.

Não é sem razão que Freud, o pai da psicanálise, relatou: “Nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor”. Tal fato relaciona-se a “viver baseando-se no valor do amor como meio de obter felicidade”. Logo, esse tipo de crença faz com que nos prostremos diante do altar de deliciosas promessas. Mais: no atual regime emocional, revela a pesquisadora estadunidense, Laura Kipnis, “apaixonar-se também nos compromete com o fundir. O que significa que não se fundir, quando necessário, é terrível para o ego e geralmente é traumático”. Porquanto é fácil identificar o peso que damos a tal investimento. Basicamente, colocamos todos os ovos na mesma cesta. E, é claro, quando ela cai, o prejuízo é enorme. O tempo fecha.

O amor, pois, se direcionado com tamanha exclusividade aos relacionamentos, não rouba apenas a cena de outras possibilidades

como também causa tropeços de proporções tão amplamente conhecidas por aqueles que já tomaram desta bebida tão doce e prazerosa em seus primeiros goles quanto amarga e nauseante pela ressaca que se segue. Deixarei então de amar intensamente? Pergunta-se. A resposta é não, evidentemente. É impossível. A saída, argumento, está em dividir os ovos da cesta. Ame com profundidade, mas ame diversificadamente, é a sugestão.

Investir em outros setores (ou ampliar a dose de investimento) é fundamental. Cumpre, porém, lembrar que outros campos também podem ser afetados pela perda, tal como o profissional, haja vista o temor existente nas atuais e significativas possibilidades de demissão - outra fonte de estresse constante. Mas é preferível ampliar a restringir. Desenvolver laços com a nossa qualidade de vida, por exemplo, através da reviravolta no cardápio alimentar, das caminhadas diárias, da leitura, da autorrevisão, da aproximação com novas amizades, do bordado, da conversa despretensiosa. Do convívio e educação dos filhos. Só não vale se esconder atrás da falta de tempo. Afinal, quando se quer algo de verdade, bem sabemos que o relógio perde o seu efeito controlador. Ademais, a escolha é nossa, além de ser intransferível. Só nós podemos decidir quantos ovos queremos colocar dentro da mesma cesta.

As máscaras sociais e o seu poder oculto

Ao admitir que cumpre-nos apenas viver conforme a sociedade já bem o definiu, cada qual desempenhando seus papéis sociais como o de marido, esposa, pai, mãe, trabalhador etc, permanecemos presos impedindo o maior desenvolvimento. Não percebemos que cada papel carrega em si o próprio limite de atuação. Este limite é o referencial a que recorremos para definir as regras de cada atuação social necessária ao melhor convívio.

Se por um lado ganhamos, ao identificar, aprender e ensinar à descendência como se deve viver para que não se sujeite à sorte, em contrapartida perdemos o espaço à criação de performances alternativas e desta forma reduzimos as chances de desenvolver a autonomia crítica, visto pouco questionarmos se os papéis que desempenhamos socialmente são a única maneira de viver e interagir.

Cada papel diz respeito a uma máscara usada para encenar o teatro da vida. Temos que ser de um jeito para com nosso chefe, liderados, colegas de trabalho, filhos, vizinhos, padeiro, pastor etc. É claro que temos personalidade. Todavia, ela nos leva a vestir tais máscaras para que haja adaptação cotidiana. Não obstante, cada máscara possui uma limitação de se agir, moldando-nos a uma forma de ser.

Ocorrem conflitos por causa do desacordo entre tipo de temperamento introvertido ou extrovertido, experiências acumuladas, conceitos formados, e padrões de comportamento "sugeridos" pela sociedade. Nas relações conjugais, por exemplo, o psicólogo Carl Rogers (1902-1987) concluiu que "Numerosos problemas desenvolvem-se na medida em que tentamos satisfazer as

expectativas do outro...", e que não devemos nos afeiçoar pelos desejos, regras e papéis que os outros insistem em impor-nos.

Sabemos que limites são importantes para o adequado convívio. Não se defende aqui a abolição de leis e regras, já bem explicadas por pensadores de outros séculos, como Thomas Hobbes (1588-1679), por sua afirmação de que "O homem é o lobo do homem", e Voltaire (1694-1778), ao comparar: "Para que uma sociedade consiga sobreviver, fazem-se necessárias as leis, assim como as regras para os jogos". A ordem política tem o seu papel na regulação do convívio entre os homens.

No entanto, nos revestimos destes papéis ao usar as máscaras sociais e agimos apenas em conformidade a eles. Tal fato oculta poder, vez que imputamos limitação a nós mesmos seguindo rigorosamente as diretrizes que cada papel determina. Não nos inquietamos a ponto de refletir sobre se devemos pensar e agir diferentemente do que estamos acostumados. Não ousamos participar mais dos acontecimentos sociais.

Um exemplo é a idéia de que política deve ser realizada apenas por políticos. Enganamo-nos. Podemos e devemos ser mais presentes em assuntos desta natureza. Já se provou que a opinião popular é importante e tem peso, não só nas eleições, mas na luta pelos direitos democráticos, em processo de *impeachment* presidencial, referendo, etc. Basta usar a máscara para este tipo de necessidade e exercitar o seu papel.

Não nos damos conta de que respeitamos em exagero os limites dos papéis sociais e por tal razão criamos uma mentalidade enrijecida. Agimos desta forma despercebidamente desde bem pequenos. Cremos que outros papéis como o de pessoas de talento, bem sucedidas, com carreira em dada profissão etc, servem apenas

para quem já os exerce. Entretanto, muitos são os papéis a serem utilizados até se chegar onde o sonho alcança.

Outra questão crucial é o medo e a obediência incondicional a que nos sujeitamos mediante personagens que usam máscaras de posição social ou hierarquia acima da nossa. Simplesmente obedecemos ou nos queixamos às escondidas sem propor idéias e pontos de vista contrários, que podem, conforme a ocasião e a necessidade, serem surpreendentemente melhores.

Atrás de toda máscara, há um ser humano tentando sobreviver em seu meio, buscando a adaptação à sociedade ou grupo ao qual pertence. Portanto, os papéis são importantes. Segue-se, porém, que é relevante a capacidade potencial que todos possuem para desenvolver a criatividade, autonomia e ações pessoal e comunitária. Mas para dinamizá-la, urge reconhecer as múltiplas possibilidades a se desempenhar por meio de novos e essenciais papéis, além dos que já temos.

Há o poder que prende. E o que liberta. Podemos crescer em outro papel, libertando-se da limitação. A vida é repleta de oportunidades, mas se não acreditarmos em nossa própria capacidade, bem pouco ou nada acontecerá. Escolha uma nova máscara ou melhore o desempenho das que já usa. Aproprie-se do poder que há em cada papel. Máscaras sociais que antes pareciam impossíveis de lhe pertencer estão mais próximas do que você supõe. Com que máscara deseja triunfar?

Quem é responsável pela sua motivação?

Só me motivo quando eu receber aumento de salário! Para eu me motivar só falta conhecer alguém interessante. Estou desmotivado pela falta de dinheiro. A minha motivação foi embora junto com a derrota do meu time. Ter motivação depende de... A falta de motivação... Sem isso... Pois bem, é claro que as circunstâncias podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento da motivação. Porém, justificar a presença ou a redução dela a partir de condições alheias puramente é outra questão.

Da mesma forma que você, talvez, pense assim, existem outras pessoas que concordem igualmente. Logo, elas também aguardam certas situações para que se motivem. Não obstante, pense no caso de você ser uma destas condições para motivar alguém (servir-lhe de companhia, emprestar ou dar dinheiro, amá-la, casar-se com ela, defendê-la etc). Então, sob tal ponto de vista, você é responsável pela desmotivação que eventualmente ocorra nesta pessoa (e em outras) caso não seja possível atendê-la, e pior, saber a respeito de tais situações, pois há gente que sequer manifesta os próprios desejos, tornando-os ocultos por tempo indeterminado.

Se pensarmos a motivação nestes termos, é evidente a dificuldade de se atender a tantas vontades que se fazem necessárias ao desenvolvimento da motivação. Não é? Todavia, se vale para os outros, a regra se encaixa a você também. Portanto, pergunte-se: Do que você depende para se motivar? Ou ainda: Quem é o responsável pela sua motivação? Para colaborar, vale a pena tomar contato com as ideias de Epicteto (55-135), pensador que viveu no antigo Império Romano: "Nada pode de fato fazê-lo parar. Nada pode realmente impedi-lo de prosseguir. Porque a sua vida está sempre sob o seu controle. A doença pode desafiar seu corpo. Mas será que você é só

um corpo? Suas pernas podem estar incapazes de andar. Mas você não é somente um par de pernas. Sua vontade é maior do que as suas pernas. Sua vontade não precisa necessariamente ser afetada por algum incidente, a menos que você permita. Lembre-se disso com relação a tudo o que acontece com você”.

É, pois, momento de ponderar sobre as razões que podem motivar uma pessoa. Se acaso elas se encontram atreladas basicamente a terceiros (gente, golpe de sorte) ou se são extraídas, via de regra, internamente daquele que se responsabiliza pelo seu próprio desenvolvimento, e, por tal determinação, encontra incontáveis recursos dentro de si mesmo para se motivar e crescer. (Lembre-se que todos possuem o potencial para evoluir, mas é preciso fazer acontecer.)

Com efeito, cumpre-se, finalmente, questionar: Será que culpar o outro ou a circunstância é uma forma de se justificar e esconder-se mediante a acomodação, transferindo-lhes a responsabilidade acerca do desenvolvimento da motivação?

Entre o ideal e o objetivo na vida social

A sociedade só é transformada a partir de idéias (e ações), via de regra, isoladas, que ganham vulto pela aderência de simples simpatizantes até ferrenhos seguidores. Tal fato parte da lógica de que as pessoas pensam de forma diferente, e mais do que isso crêem de maneira divergente umas das outras e, portanto, possuem perspectivas variadas sobre a vida. Com efeito, os pensamentos são desenvolvidos em uma pessoa e podem crescer na dimensão social caso ele seja aceito pelo seguinte, por imposição em alguns casos e por consenso em outros. Do singular é possível se estender ao plural. Mas é preciso estar atento, visto que um único preceito, muitas vezes, não consegue atender a tamanha diversidade, limitando a satisfação geral.

Cabe analisar este fenômeno na esfera do trabalho, pois tal situação é aplicável em algumas fases do desenvolvimento profissional. Vejamos, quando a pessoa se encontra na juventude lhe é pertinente possuir altos ideais acerca de seu papel colaborador para com a sociedade, como dedicar tempo e elaboração de projetos aos demais, compartilhar atenção e amor, etc. Com o passar do tempo, no entanto, vê-se comumente isto se modificar, levando grossa parte da população a desistir deste tipo de missão que a inspirou outrora em detrimento da praticidade causada pelo estreito caminho de sobrevivência existente: a objetivação. De condições particulares baseadas em diferentes pontos de vista, o que resulta nesta mudança é a massificação de impressões. Em outras palavras, os ideais perdem terreno para a aceitação (passiva na maioria das vezes) da objetividade material. É claro que as necessidades básicas como fome e segurança carecem de atendimento prioritário e ninguém deve brincar de faz-de-conta com a implacável realidade. Todavia, nem por

isso deve-se abandonar o ideal. A transformação de oito para oitenta impede a grata chance de convívio com os benefícios gerados neste tipo de empreendimento.

No início da carreira profissional a pessoa carrega uma chama viva relacionada ao seu crescimento, e nele encontra-se agregado o propósito de colaboração altruísta. É uma revolução diante dos fatos egoístas (tem a sua importância também pela reação que provoca) presenciados no dia-a-dia. Contudo, o peso desencadeado pela impressão mais comum leva à desistência da causa particular. Por exemplo, muitos médicos que sonharam com a relevância de seu papel na saúde e se imbuíram do juramento hipocrático (é um guia maravilhoso se bem observado), abandonaram os ideais e em seu lugar exaltaram outros fatores de ordem puramente objetiva. Percebe-se, inclusive, que qualquer oposição que tente resgatar o velho brilho idealístico é motivo de piada. Entretanto, pouco se reflete sobre se mesmo em condições bem satisfatórias de conforto conquistado, cuja imposição de se atender às necessidades foi mais do que alcançada, é possível retomar antigas aspirações. Parece que não na prática, pois a objetividade demonstra nunca findar em suas demandas. Ao citar a classe médica quis sublinhar esta categoria por sua extraordinária importância na sociedade, e, devemos ampliar tal ponderação aos demais profissionais, que, se carregados de vontade e conhecimento, podem multiplicar a cooperação através de idéias e realizações além de sua conhecida rotina.

As questões centrais são: Por que se intimidar e se limitar por razões sociais que apenas impressionam? O que impede verdadeiramente de se atender a objetividade e também ao ideal? Neste caso, creio que o gasto energético em direcionar os esforços numa direção se assemelha ao gasto da sua contenção ao não utilizar a energia em outro foco de igual prestígio. Embora enxerguemos o cotidiano na sua dimensão real, não significa que o aceitemos assim.

Quanto mal-estar pode machucar a nossa intimidade em relação à discordância sobre as questões sociais e a nossa visão sobre o assunto, baseados em antigos e renunciados ideais (ou quem sabe, ainda vivazes)?

Não obstante, o fenômeno aqui descrito depende diretamente de cada um e nele repousa a possibilidade de maiores e melhores mudanças sociais. Cada pessoa já encontra ou descobrirá em si o desejo ardente que a motive a contribuir e a se sentir mais humana e feliz no projeto de participação individual e comunitária. Se a crença assentada na impressão geral é a de que nada se pode fazer, então o jogo está determinado à lentidão e aos minguados resultados. Do contrário, se a luz da sabedoria e a chama do desejo estiverem presentes, até a mais difícil partida poderá ser subjugada e tornar-se exemplo para novas e cruciais transformações de intenção tanto objetiva quanto de ideal.

Intervir sobre o próprio destino

Tratar sobre o destino é uma aventura arriscada, pois as pessoas possuem pontos de vista conflitantes, causando quase sempre momentos de forte tensão, haja vista o assunto tocar em questões filosóficas e sobretudo religiosas, cuja defesa das crenças particulares faz surgir ferrenhos argumentadores de pacatos cidadãos. Porém, tal atitude é ao mesmo tempo uma oportunidade especial de entrar em contato consigo mesmo e refletir sobre tamanho problema, provocando, finalmente, uma revisão a respeito da possibilidade de se intervir sobre o futuro.

Não é a intenção aqui apontar afirmações pretensiosas acerca da validação ou refutação da existência do destino, mas levantar alguns pontos ainda obscuros a fim de ampliar o estudo em questão ao invés de tentar mantê-lo trancafiado a sete chaves, apenas pelo grau de dificuldade existente em discussões desta natureza.

O significado da palavra destino é: *Sucessão de fatos que podem ou não ocorrer, e que constituem a vida do homem, considerados como resultantes de causas independentes de sua vontade; sorte, fado*. Mas é só um lado da moeda. O outro, em oposição, salienta o controle sobre o porvir. Em outras palavras, parte da população crê na pré-existência dos acontecimentos e parte acredita no domínio e no direcionamento das coisas. Eis um difícil embate.

Todavia, devemos nos animar pelo simples fato de existir mais de uma alternativa. Embora tais proposições sejam distintas e distantes em sua concordância, é possível aproximá-las, transformando contradição em afinamento, desde que não se petrifique a impressão sobre o destino, permitindo, em contrapartida, que ele tenha vida e que esteja tão presente dentro do ser humano

quanto lhe for permitido, proporcionalmente à criação e ao Criador, conforme Gênesis 1:26: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.* Ou ainda, de acordo com o filósofo francês René Descartes: *A idéia de Deus está impressa no homem, como a marca do obreiro em sua obra.*

Por conseguinte, se considerarmos que o destino é fruto do que pensamos e praticamos (plantio e colheita), é natural e lógica a expectativa de efeitos pertinentes a causas anteriores. Então, não há porque duvidar do “destino”, e ainda, embasar-se no pressuposto de que é inevitável receber pelo que se proporcionou, oferece a chance de escolhermos o que pretendemos para nós mesmos, tornando a inevitabilidade um bem que se aguarda com prazer e não um sofrimento do qual a fuga é um desejo corrente. Contudo, o conhecimento a este respeito é crucial, do contrário, torna-se somente um mero jogo de palavras sem qualquer significado pessoal. É preciso fazer sentido internamente. Com efeito, se o destino é aceito a partir de semelhante idéia, podemos acrescentar um novo dado conforme já se observou: a intervenção sobre ele.

Pois bem, se o “inevitável” é o efeito de algo anteriormente causado, e tal movimentação foi gerada por nós, é sinal de que interferimos diretamente sobre os acontecimentos. Deste modo, convém perguntar: 1) Nós intervimos sobre o próprio destino (ele é flexível e não rígido), senão, em nada resultaria qualquer ação que empreendêssemos? 2) A nossa experiência demonstra que “mexemos os pauzinhos” e assim modificamos a direção de alguns fatos? 3) No amor, é o acaso que aproxima as pessoas ou o convívio (gente que mora próximo ou freqüenta o local de trabalho, passeio, etc), via de regra, que as une? 4) Na vida profissional, é a dedicação que faz alcançar um dado objetivo ou basta somente esperar o tempo para

que se obtenha êxito? 5) No desenvolvimento, é a acomodação ou a ação que faz evoluir? 6) E sobre a inevitabilidade, será que é tão imutável assim, que não possa receber nova intervenção e ser modificada, aumentado-a, diminuindo-a, dissipando-a? Enfim, podemos descrever uma extensa lista de perguntas com a finalidade de ponderar sobre o destino e a intervenção, mas isto compete a quem deseja ir fundo neste tipo de investigação. É uma decisão singular.

Concluindo, em relação ao destino, podemos pensá-lo como um meio de mudança e não exclusivamente como um fim. Intervir no presente, ainda que inevitavelmente tenhamos que colher os frutos do que se plantou no passado nos abre a porta para um futuro mais promissor. É antes uma oportunidade do que uma imposição. Quantas coisas podem ser diferentes na sua vida, caso tome para si, gradativamente, o leme das decisões? É antes liberdade do que aprisionamento, se observarmos a intervenção. É claro que dá mais trabalho agir do que ficar acomodado, mas vale a pena. Portanto, eis a pergunta final: Que tipo de destino você quer para si?

O autor

Psicólogo, professor e mestre em liderança. Ministrou cursos e palestras no Brasil e no exterior. Pesquisador dos campos da psicologia organizacional, educacional e sócio-econômico, com experiência em orientação de pesquisa. Autor e coautor dos livros Gigantes da Liderança, Gigantes da Motivação e Educação 2006.